

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA BILÍNGUE

THAYNARA MENDONÇA E SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A CRIANÇA EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Thaynara Mendonça e Silva.

Matrícula: 20191090080105.

Título do Trabalho: A importância da literatura para a criança em seu processo de formação.

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 13/03/2026.
Local Data

Thaynara Mendonça e Silva.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

THAYNARA MENDONÇA E SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A CRIANÇA EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de A importância da literatura para a criança em seu processo de formação, desenvolvido na linha de pesquisa: Cultura, Educação, Sociedade.

Orientador(a): Prof. Dr. Kelio Junior Santana Borges.

Coorientador(a): Prof(a). Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva,Thaynara Mendonça e
A importância da literatura para a criança em seu processo de formação.
/ Thaynara Mendonça e Silva. - Aparecida de Goiânia, 2026.
56 f.

Orientador:Dr. Kélio Junior Santana Borges.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2026.

1. Ensino. 2. Formação. 3. Leitura. 4. Literatura infanto-juvenil. 5. Lygia
Bojunga. I. Título.

CDD 372.64

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto CRB 1/2746

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A CRIANÇA EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO**, sob orientação de Kelio Junior Santana Borges, apresentado pela aluna **Thaynara Mendonça e Silva (20191090080105)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **19:00** do dia **04/02/2026** pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Kelio Junior Santana Borges** (Presidente)
- **Josiane dos Santos Lima** (Examinadora Interna)
- **Ruskaia Fernandes Mendonca** (Examinadora Externa)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pela aluna, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 9,6

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Kelio Junior Santana Borges** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Josiane dos Santos Lima**, em 18/02/2026 11:58:54 com chave 5839fbd40cda11f1a792005056a537a4.
- **Ruskaia Fernandes Mendonca**, em 05/02/2026 19:56:12 com chave de7380f202e511f1897f005056a537a4.
- **Kelio Junior Santana Borges**, em 05/02/2026 18:59:29 com chave f2245f9802dd11f1a935005056a537a4.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 23/02/2026

Código de Autenticação: 9ed7d0



Dedico esta pesquisa a todos que acreditam na educação como o caminho fundamental para a emancipação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, que representam não apenas a conclusão dessa etapa acadêmica mas também um grande marco em minha trajetória de vida.

Primeiramente, agradeço imensamente à minha família, base fundamental de tudo o que sou. À minha mãe, Maria, ao meu pai, Clelson, e à minha irmã, Thalyta, pelo apoio incondicional, pelo amor, pela compreensão e pela força que sempre me ofereceram, mesmo nos momentos mais difíceis. O incentivo, o carinho e a confiança de vocês foram essenciais para que eu seguisse em frente e acreditasse que esse sonho era possível.

Agradeço, com grande carinho, às minhas primas Amanda, Layz Marcelly e Gleicy Kelly, que estiveram ao meu lado durante essa caminhada, que me ajudaram a não desistir do curso e compartilhando comigo cada desafio, conquista e etapa superada. Comemorar cada avanço ao lado de vocês tornou esse percurso mais leve, significativo e cheio de memórias.

E, como eu tive a sorte de ter dois orientadores maravilhosos, Ruskaia e Kelio, em etapas diferentes deste trabalho, mas que, com toda certeza, foram orientações para agregar e melhorar bastante a minha escrita, principalmente a forma de pensar e aprender a analisar com cuidado tudo que está exposto nesta pesquisa. Cada orientação foi essencial para o amadurecimento acadêmico que este trabalho exigiu, agradeço imensamente aos dois pela paciência e dedicação. Quero agradecer também ao Campus Aparecida de Goiânia pelas experiências com esse curso. Aos professores Keith, Ruskaia, Waléria, Josiane, Jackeline, Wellinton, Diego e João, deixo meu profundo agradecimento por cada ensinamento compartilhado, pela disponibilidade, incentivo e inspiração ao longo de minha trajetória. Os conhecimentos transmitidos por vocês foram de extrema importância e contribuíram significativamente para a construção deste trabalho e para o meu crescimento enquanto estudante e profissional.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada, meu sincero agradecimento.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado *A importância da literatura para a criança em seu processo de formação* aborda a literatura como instrumento de desenvolvimento crítico, emocional e ético no decorrer do processo de formação vivido durante a infância. A pesquisa procura discutir e analisar como a literatura pode contribuir para a formação da criança enquanto indivíduo social, atuando como ferramenta na construção de sua identidade e visão de mundo desde a infância. O objetivo é evidenciar a importância da leitura e da literatura na infância como fonte de saberes e vivências necessárias à vida em sociedade, contribuindo para a criança aprender a perceber e enxergar o mundo por meio da leitura literária. Para isso, será realizada a análise de um livro direcionado para a infância, o livro escolhido é *A casa da madrinha* (2012) de Lygia Bojunga, além disso, serão citadas algumas outras obras da escritora como *Os colegas* (2004 a), *Angélica* (2006 a), *Sapato de salto* (2006 b), *Tchau* (2010 a), *O abraço* (2010 b), *O sofá estampado* (2004 b) e a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, recorrendo a textos acadêmicos de caráter teórico como os de Antônio Candido, Leonardo Arroyo, Ana Maria Machado, Vera Maria Tietzmann Silva, além de estudos críticos como de Kelio Junior Santana Borges, assim como material literário infanto-juvenil.

Palavras-chave: Ensino; Formação; Leitura; Literatura infanto-juvenil; Lygia Bojunga.

ABSTRACT

This final course project, entitled "The Importance of Literature for Children in Their Formative Process," addresses literature as an instrument for critical, emotional, and ethical development throughout childhood. The research seeks to discuss and analyze how literature can contribute to the child's formation as a social individual, acting as a tool in the construction of their identity and worldview from early childhood. The objective is to highlight the importance of reading and literature in childhood as a source of knowledge and experiences necessary for life in society, contributing to the child's learning to perceive and understand the world through literary reading. For this purpose, an analysis of a children's book will be carried out; the chosen book is *A casa da madrinha* (2012) by Lygia Bojunga. In addition, some other works by the author will be cited, such as *Os colegas* (2004 a), *Angélica* (2006 a), *Sapato de salto* (2006 b), *Tchau* (2010 a), *O abraço* (2010 b), *O sofá estampado* (2004 b). The methodology used is bibliographic research, resorting to academic texts of a theoretical nature such as those by Antônio Candido, Leonardo Arroyo, Ana Maria Machado, Vera Maria Tietzmann Silva, as well as critical studies such as those by Kelio Junior Santana Borges, and children's and young adult literature.

Keywords: teaching; training; reading; children's and young adult literature; Lygia Bojunga

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A LITERATURA ENQUANTO CONCEITO.....	13
2.1	A Literatura enquanto direito humano.....	13
2.2	Literatura Infantil: notas conceituais.....	21
2.3	A literatura e a leitura em sala de aula com crianças.....	27
3	A NARRATIVA DE BOJUNGA E SUAS POSSIBILIDADES.....	33
3.1	Sobre a autora e sua trajetória de vida.....	33
3.2	Uma visita à casa da madrinha.....	34
3.3	Obras e contribuições para a literatura brasileira.....	43
3.4	E para finalizar, um pouco mais sobre a escrita de Lygia Bojunga.....	50
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5	REFEÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Thaynara Mendonça e Silva, sou estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue. Escolhi esse curso movida pelo desejo de aprender e, acima de tudo, de fazer a diferença na área da primeira infância. Ao longo da graduação, percebi o quanto essa formação transformou meu modo de pensar, ampliando meu olhar para além da minha própria realidade, compreendendo que a primeira infância é uma fase essencial, marcada por experiências que constroem sentidos únicos para cada indivíduo.

A escolha do tema desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender o papel da literatura como um recurso pedagógico e formativo que vai além do entretenimento. Em um contexto no qual a infância é marcada por intensas transformações sociais, emocionais e cognitivas. A literatura apresenta-se como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de competências humanas essenciais, como a empatia, o pensamento crítico e a construção da identidade. Valorizar a literatura desde os primeiros anos de vida significa investir na formação de sujeitos mais conscientes, sensíveis e éticos, capazes de atuar de forma reflexiva e responsável na sociedade.

Partindo desse ponto, peço licença para relatar como surgiu o interesse pessoal pelo assunto. Em 2023, durante a realização de um estágio na Educação Infantil, no CMEI Deusdete Lêdo David, localizado em Aparecida de Goiânia-GO, foram feitas observações dos momentos vivenciados pelas crianças em sala de aula e em outros espaços da instituição, como a biblioteca e o parque. Ao longo dessas observações, foi possível perceber a ausência de atividades voltadas para a contação de histórias ou outras práticas literárias, como o teatro infantil, por exemplo.

Mesmo nos momentos de visita à biblioteca, espaço que dispõe de mesas, cadeiras e livros adequados para as crianças do agrupamento 4, não houve a realização de leituras mediadas pela professora regente. Nos dias seguintes, a regente organizava rodas de conversa, nas quais as crianças se mostravam bastante participativas, expressando opiniões, relatando vivências e demonstrando interesse pelas propostas apresentadas. No entanto, apesar dessa participação ativa, não houve nenhuma prática de contação de histórias durante todo o período em que estagiamos ali.

Durante o estágio, realizei duas regências. Em uma delas, incluí em meu plano de aula a contação de uma história. Por se tratar de uma experiência nova para a turma, as crianças demonstraram muita curiosidade e interesse. Propus que nos sentássemos em roda no chão, mas a atividade não ocorreu da forma planejada, pois as crianças se aproximaram excessivamente para ver as imagens do livro, dificultando a organização do momento. Apesar do esforço em realizar a leitura e apresentar as ilustrações, senti frustração ao perceber que a proposta não teve o resultado esperado.

Inicialmente, considerei que a contação de histórias poderia ter sido realizada de outra forma, como por meio de teatro ou do uso de fantoches, estratégias que haviam obtido sucesso nas regências de outras colegas de estágio. Contudo, após observar a atividade, a supervisora de estágio comentou que propostas de contação de histórias não funcionariam naquela turma, pois as crianças não estavam acostumadas com essa metodologia.

Essa situação despertou reflexões importantes, levando-me a questionar por que a professora não inseria práticas literárias em uma turma que se mostrava atenta e envolvida em outras atividades. A partir desse questionamento, surgiu o interesse em pesquisar sobre a literatura no processo de formação da criança e em compreender o quanto ela pode ser significativa para o desenvolvimento infantil.

Dessa forma, esta pesquisa busca discuti/refletir como a literatura, especialmente na primeira infância, pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança, promovendo imaginação, sensibilidade, pensamento crítico, construção de identidade e sentimento de pertencimento. Neste trabalho de conclusão de curso, pretendo defender e demonstrar como a literatura pode atuar na formação crítica, emocional e ética da criança, contribuindo para a construção de sua identidade e de sua visão de mundo desde a infância.

Além disso, busco analisar a literatura enquanto ferramenta formativa que ultrapassa a dimensão estética das obras, compreendendo-a como um espaço de diálogo com temas, valores e conceitos que auxiliam no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Como objetivos específicos, pretendo analisar as diferentes formas pelas quais a criança pode aprender a perceber e a compreender o mundo por meio da leitura. Para demonstrar de modo prático esses aspectos teóricos, buscarei realizar a análise da obra *A Casa da Madrinha* (2012), de Lygia Bojunga, direcionada ao público infantil.

Desde o início do pré-projeto eu queria analisar alguma obra destinada para o público infantil e, conhecendo um pouco das histórias de Bojunga, a professora Ruskaia sugeriu que poderia ser *A casa da madrinha*. Lendo essa obra, eu me apaixonei pela história logo nas primeiras páginas, pois a escrita dela nos desperta a curiosidade, uma das principais características de uma criança, tudo parece ser real e imaginário ao mesmo tempo. Após a leitura decidi que não poderia ser outra obra a ser analisada, pois essa me cativou desde o princípio, da arte da capa, os detalhes das ilustrações, os diálogos, e pensava na perspectiva de uma criança o quanto isso é enriquecedor para jovens leitores.

Os referenciais teóricos que embasam esta pesquisa são constituídos pelas contribuições de Antônio Candido, Leonardo Arroyo, Ana Maria Machado, Vera Maria Tietzmann Silva, Lygia Bojunga e Kelio Junior Santana Borges com um artigo crítico sobre algumas obras de Lygia Bojunga, estudos oferecem suporte crítico e conceitual para as análises propostas.

Quanto à organização do trabalho, a Seção 2 está estruturada em três subseções: 2. A literatura enquanto conceito; 2.1 A literatura enquanto direito humano; 2.2 Literatura infantil: notas conceituais; e 2.3 A literatura e a leitura em sala de aula com crianças. Já a Seção 3 está organizada em cinco subseções, visando uma melhor divisão dos temas: 3. A narrativa de Bojunga e suas possibilidades; 3.1 Sobre a autora e sua trajetória de vida; 3.2 Uma visita à Casa da Madrinha; 3.3 Obras e contribuições para a literatura brasileira; 3.4 E para finalizar, um pouco mais sobre a escrita de Lygia Bojunga.

Com esta pesquisa, espero contribuir para reflexões sobre a importância da literatura na infância e para a valorização de práticas pedagógicas que reconheçam a leitura literária como um direito e como uma potente ferramenta para a construção e formação da identidade da criança.

2 A literatura enquanto conceito

Para iniciar este trabalho de Conclusão de Curso, será realizada a conceitualização da literatura, em seguida, falaremos sobre o primeiro capítulo do livro *Direito à Literatura* (2012) de Antônio Candido, mais adiante, traremos o conceito de Leonardo Arroyo (1990) sobre o que seria literatura de criança e literatura para criança e, aprofundando o assunto, utilizaremos o texto *Os Clássicos Universais* (2002) de Ana Maria Machado. Para finalizar a sessão 2, discutiremos os capítulos 2 e 3 do livro *Literatura Brasileira Infantil: um guia para professores e promotores de leitura* (2008), de Vera Maria Tietzmann Silva.

A proposta de se discutir a importância da literatura na infância para a formação humana se apresenta nesta pesquisa com o objetivo de compreender como ela pode transformar, emancipar e até mesmo libertar de certo modo os sujeitos infantis, ao proporcionar o desenvolvimento da imaginação, do pensamento crítico e da sensibilidade. A literatura, nesse contexto, ultrapassa sua função estética e passa a ser compreendida como um instrumento potente de construção de sentido, de identidade e de pertencimento, contribuindo para a formação integral da criança como ser social, histórico e cultural.

Compreendemos, enquanto literatura, o conceito apresentado por Candido (2012). Para o autor, a literatura é a arte da linguagem verbal, escrita e/ou oral, que expressa os pensamentos, os sentimentos, as ideias e experiências humanas por meio de textos criativos e esteticamente elaborados. Ela abrange diversos gêneros como romances, contos, poesias, crônicas e peças teatrais, e pode tanto retratar a realidade quanto imaginar mundos fictícios. Além de entreter, a literatura provoca reflexões, transmite valores culturais, históricos e sociais, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, emocional e ético do leitor.

2.1 A literatura enquanto direito humano

No primeiro capítulo do livro *O Direito à Literatura* (2012), Antônio Candido inicia o assunto abordando os direitos humanos e a literatura, o que, à primeira vista, parece distante ou contraditório das questões cotidianas. Contudo, antes de abordar especificamente a literatura, ele sente a necessidade de dialogar sobre o conceito de direitos humanos.

Para o pesquisador, existe uma contradição em nosso tempo: por um lado, a humanidade atingiu um patamar elevado de conhecimento, tecnologia e domínio sobre a natureza, o que nos possibilita conceber soluções concretas para questões antigas, como a fome. Em contrapartida, utilizamos esses mesmos progressos de maneira irracional e destrutiva. A

indústria contemporânea proporciona conforto, contudo esse bem-estar não se estende a todos, pois muitos ainda vivem na pobreza. Por exemplo, no Brasil, a riqueza cresce, porém a distribuição dessa riqueza se deteriora. Em outras palavras, os mesmos instrumentos que poderiam aprimorar a vida de todos também acabam intensificando as desigualdades. Esta é a principal contradição do nosso tempo (Candido, 2012).

Candido (2012) faz uma comparação com a Grécia Antiga, argumentando que, naquela época, seria inviável construir uma sociedade com uma distribuição equitativa de riquezas, visto que a tecnologia e a produção ainda eram bastante restritas. Atualmente, isso é tecnicamente viável, mas ainda assim, refletimos ~~pouco~~ e agimos pouco. Essa falta de sensibilidade confronta conceitos fundamentais que emergiram nos séculos XVIII e XIX, como o liberalismo e o socialismo, que defendiam que o conhecimento, a educação e o avanço técnico resultariam em mais justiça e felicidade para todos. No entanto, a barbárie (injustiça, violência, desigualdade) persiste, mesmo onde esses progressos foram alcançados.

Candido afirma que a nossa era é extremamente contraditória: possuímos um elevado grau de civilização e, simultaneamente, uma considerável quantidade de barbaridade. Nesse cenário, surge o movimento em defesa dos direitos humanos. Pela primeira vez na história, possuímos as ferramentas para tentar solucionar diversos desses problemas, tornando a batalha pela justiça e igualdade mais palpável do que era anteriormente. Apesar de todas as adversidades, existe esperança, pois o que antes era inalcançável, hoje é realizável. Portanto, aqueles que acreditam nos direitos humanos precisam se empenhar para tornar essa possibilidade concreta. E o grande problema do nosso tempo é saber que a solução existe, mas não fazer o suficiente para alcançá-la ou mesmo mudá-la.

O autor afirma que, embora ainda exista muita maldade e violência no mundo (barbárie), as pessoas já não se orgulham disso como antes. No passado, quando um exército vencia uma batalha, o comandante podia até se orgulhar de feitos terríveis, como erguer uma pirâmide com os rostos dos adversários. Atualmente, ainda ocorrem atos cruéis, mas quem os comete não se orgulha mais disso de maneira explícita, porém ainda existem pessoas que cometem crueldade e se orgulham disso, mas não ficam mais impunes. Isso indica que as pessoas têm consciência do erro, mesmo que continuem a agir dessa maneira. Isso mostra um pequeno progresso na consciência humana: o mal continua existindo, porém não é mais visto como "normal" ou tolerável.

Candido discute alterações na maneira como as classes abastadas e influentes se comunicam e se comportam. Antigamente, costumava-se afirmar que os pobres eram pobres por vontade divina, ou que não necessitavam das mesmas coisas que os ricos. Atualmente, essas

concepções não são mais expressas em público, pois as pessoas poderiam se sentir mal ou sofrer críticas. Até mesmo os poderosos e políticos têm um certo receio de aparentar insensibilidade. Isso indica que a sociedade está se transformando, mesmo que as ações reais permaneçam hipócritas. As pessoas simulam interesse, o que já é um avanço em relação à completa falta de interesse.

Embora muitas pessoas apenas finjam se importar, essa hipocrisia indica que a injustiça começou a causar mais desconforto. A percepção de que a desigualdade pode ser superada é mais evidente, uma vez que dispomos de tecnologia, informação e recursos para isso. Agora, o desafio é converter essa consciência em ação concreta, como ele mesmo diz:

Nesse sentido, talvez se possa falar de um progresso no sentimento do próximo, mesmo sem a disposição correspondente de agir em consonância. E aí entra o problema dos que lutam para que isso aconteça, ou seja: entra o problema dos direitos humanos (Candido, 2012, p. 15).

Antônio Candido afirma que, para refletir sobre direitos humanos, é necessário aceitar um princípio fundamental: O que é fundamental para mim, também é fundamental para todos. Por exemplo: se eu acredito que necessito de alimento, moradia, educação e saúde para viver bem, devo entender que o outro também necessita desses elementos. Contudo, ele ressalta um problema, o de que, no fundo, as pessoas acreditam que seus direitos são mais relevantes e urgentes do que os dos demais. Isso ocorre até mesmo sem nos darmos conta. A maioria afirma que os outros possuem direito a uma vida digna, porém nem sempre age de maneira equitativa quando esses direitos colidem com seus interesses pessoais.

Antônio Candido denomina isso como uma "obnubilação", que se assemelha a um estado de confusão ou cegueira mental, as pessoas declaram que os outros possuem direitos, mas não agem de maneira coerente, particularmente quando precisam partilhar ou renunciar a algum benefício. Direitos humanos exigem empatia e igualdade. É difícil aceitar, de verdade, que o outro tem o mesmo direito que você. Muita gente diz que acredita nisso, mas não age de acordo. Por isso, é preciso educação e consciência para superar essa atitude egoísta.

No passado, acreditava-se que os trabalhadores não necessitavam de sobremesa ou repouso - uma concepção fundamentada em preconceitos sociais que ilustrava como a educação e a cultura podem induzir as pessoas a aceitar as desigualdades como se fossem inatas. O estudioso argumenta que, pessoalmente, cada indivíduo deve aprender desde a infância que os menos favorecidos possuem os mesmos direitos que os demais e que isso não se trata de caridade, mas, sim, de justiça. Na esfera social, é essencial estabelecer leis e políticas públicas que assegurem esses direitos a todos. É importante destacar que as conquistas de repouso dos

trabalhadores e trabalhadoras é fruto das lutas dos movimentos sociais, o que nos induz a observar além da aparência das práticas sociais e a compreender que a desigualdade no acesso a direitos essenciais como descanso, alimentação apropriada ou diversão, não se trata de mérito ou sorte, mas de equidade. Ele ressalta que promover a educação para a igualdade desde a infância é uma função crucial, uma vez que a cultura e o desenvolvimento pessoal influenciam nossa visão do que é “natural” ou “merecido.”

Para Candido, a literatura é uma demanda universal humana. Da mesma forma que todos sonham, todos necessitam, de alguma forma, ter contato com histórias e criações imaginativas, seja através de telenovelas, músicas, contos. Nas palavras de Candido (2012, p. 18):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações...

Mesmo quem não tem o hábito de ler livros está envolvido em algum tipo de ficção cotidiana. Candido sustenta que, tal como o sonho, a literatura é crucial para o equilíbrio emocional e social. Ela contribui para a formação do indivíduo, atuando tanto no pensamento consciente quanto no inconsciente. Esse trecho apresenta uma reflexão significativa sobre como a ficção está presente na vida das pessoas, mesmo além da leitura de livros. A afirmação de que “até aqueles que não costumam ler livros, estão envolvidos em algum tipo de ficção do dia a dia” nos mostra que a literatura faz parte integrante da vivência humana. As narrativas que partilhamos sobre nossas vidas, os relatos que escutamos nas interações, os filmes e séries que vemos, e as publicações nas redes sociais, tudo isso forma uma teia de ficções que nos auxilia a entender o mundo e a nós mesmos.

As sociedades usam a literatura para ensinar, transmitir valores e emoções, mas também para questionar e criticar o que está errado. Por isso, ela pode confirmar ou negar ideias, educar ou perturbar, e até desafiar normas sociais. A literatura não é neutra: ela pode transformar, incomodar e até causar conflitos, especialmente quando contraria ideias conservadoras ou oficiais. Por isso, ao mesmo tempo que é valorizada na educação, também pode ser temida ou censurada. Candido conclui que a literatura não serve apenas para “elevar” ou “moralizar”, mas sim para fazer o ser humano viver e sentir a complexidade da vida, com tudo o que ela tem de bom e ruim. Ela humaniza, porque faz viver intensamente. Nesse sentido, a literatura pode despertar a empatia ao colocar o leitor no lugar do outro, pode estimular o

pensamento crítico quando são apresentadas visões diferentes da realidade, incentiva a questionar verdades absolutas, a ampliar a consciência, explorando temas humanos universais como amor, morte, injustiça, liberdade, medo e esperança, a formar cidadãos, pois quem lê sente e reflete sobre o mundo e tende a agir com mais consciência e sensibilidade. Assim, a literatura é essencial para a formação integral do indivíduo, indo além do aspecto acadêmico e entrando no campo do humano da ética, da emoção, da imaginação e da liberdade. Ela educa não apenas pela razão, mas também pelo sentimento, fazendo com que o sujeito não apenas aprenda a viver em sociedade, mas a se reconhecer como parte dela.

A literatura desempenha um papel complexo, podendo causar efeitos contraditórios, mas simultaneamente humanizando. Ela pode ser percebida de três perspectivas: “(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (Candido, 2012, p. 20).

Candido afirma que frequentemente, acreditamos que a literatura nos influencia por transmitir conhecimento, como se fosse um manual. No entanto, o impacto da literatura acontece devido à combinação desses três elementos. O primeiro, frequentemente negligenciado, é o processo de construção da mensagem. Isso é crucial, pois estabelece se algo é classificado como literário ou não.

Toda obra literária é um criação, e essa criação possui um imenso poder de nos tornar mais humanos, afirma Candido. Quando um escritor arranja as palavras de uma forma específica, ele estabelece um padrão de coerência, que estrutura nossos pensamentos e emoções:

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sintetizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental (Candido, 2012, p. 21).

Esse efeito de estruturar a mente e o mundo é o resultado da disposição das palavras, e não apenas do seu significado uma vez que, até mesmo um poema complicado pode nos auxiliar a organizar a confusão, pois a sua configuração sugere um modelo de superação (Candido, 2012). Na infância, as crianças ainda estão construindo sua visão de mundo, aprendendo a lidar com suas emoções, frustrações e desafios em sociedade. Quando entram em contato com poemas, mesmo eles sendo desafiadores, elas não apenas colocam em prática a

linguagem e a imaginação, mas também aprendem, de maneira simbólica, que é possível dar forma ao caos, transformando assim sentimentos confusos em palavras, ideias e dando algum sentidos. Além disso, a literatura escrita nos proporciona um tipo de saber, que pode ser tanto consciente quanto inconsciente. Esse saber enriquece nossa compreensão e visão de mundo. A escrita é uma necessidade comum a todos, pois humaniza tanto indivíduos quanto grupos, permitindo que pensem sobre a vida e a sociedade, seja por meio de uma letra de música simples ou de um poema mais elaborado (Candido, 2012).

Candido aponta que a literatura escrita também expressa intenções nítidas do autor, como ideias políticas, sociais ou humanitárias. Um exemplo disso é um poema abolicionista de Castro Alves, que, além de sua forma e emoção, traz consigo uma mensagem de luta e justiça. Quando a literatura escrita adota uma postura política ou ética, ela se torna uma obra comprometida, que busca instigar reflexão e ação. Contudo, a verdadeira eficácia de qualquer mensagem literária está relacionada à sua forma, e não apenas à sua intenção ou mensagem ética (2012).

Podemos citar, como exemplo de literatura infantil, Ziraldo, autor de *O Menino Maluquinho*, que conta a história de um menino arteiro, criativo e alegre, que vive inúmeras aventuras com seus amigos, sempre com um panelão na cabeça. A história acompanha seu crescimento e as mudanças que ele enfrenta ao longo da infância retratando com leveza o universo da infância brasileira, expondo temas como amizade, família, escola e o imaginário conectando-se com a vivência real das crianças.

Candido foca na literatura que documenta e critica as injustiças sociais, especialmente aquelas que se relacionam à defesa dos direitos humanos. Um exemplo notável do Brasil é o poeta Castro Alves, cuja produção literária foi uma significativa manifestação contra a escravidão, contribuindo para a luta abolicionista. A habilidade dele como poeta permitiu que ele expressasse suas ideias de maneira bastante eficaz. Por outro lado, Bernardo Guimarães, mesmo sendo um defensor da abolição, não conseguiu produzir uma obra literária de alta qualidade, apesar de ter abordado o tema com igual potência.

Outro exemplo da literatura infantil é a história de Ana Maria Machado com *Era uma vez um tirano* (2003) onde conta a história de um lugar dominado por um tirano que proíbe tudo o que é essencial para a liberdade e o desenvolvimento das pessoas: ele proíbe livros, cores, risadas, brincadeiras e o ato de pensar. A sociedade passa a viver em silêncio e obediência, sem espaço para a criatividade ou questionamento, porém, três crianças, inconformadas com aquela realidade decidem resistir. Elas percebem que não é certo viver em um mundo sem liberdade, e então buscam formas de enfrentar o tirano e libertar o povo. O livro estimula o pensamento

crítico desde a infância e mostra que mesmo as crianças podem ser protagonistas de mudanças e enfrentar injustiças com coragem e união.

Para Candido, a literatura é fundamental para os seres humanos por dois motivos principais. Em primeiro lugar, ela ordena nossos sentimentos e nossa percepção do mundo, auxiliando-nos a escapar do caos e, assim, contribuindo para a nossa humanização. Ignorar a literatura seria o mesmo que ignorar nossa própria humanidade. Em segundo lugar, a literatura serve como uma ferramenta para expor as violações dos direitos humanos, revelando cenários de pobreza, servidão e outras formas de sofrimento entre os indivíduos.

A maneira como a sociedade é estruturada pode restringir ou facilitar o acesso à literatura. No Brasil, por exemplo, a desigualdade social faz com que muitos cidadãos não consigam acessar obras de autores renomados como Machado de Assis ou Mário de Andrade. Ao invés disso, essas pessoas frequentemente têm acesso apenas à literatura de massa ou à cultura popular, que, embora valiosas, não são suficientes para uma formação plena. A escola sendo um instrumento de inclusão cultural e social tem como responsabilidade oferecer contato com diferentes tipos de literatura, incluindo os clássicos da literatura brasileira, muitas vezes ausentes do cotidiano de estudantes de baixa renda; formar leitores críticos, ajudando os alunos a interpretar textos mais complexos e refletir sobre a sociedade; mostrar que cada cultura tem seu devido valor, mas que o acesso equilibrado a diferentes formas de expressão é essencial para uma formação completa e principalmente combater desigualdades culturais, promovendo experiências literárias que não dependam das condições socioeconômicas da família.

A fim de que a literatura erudita esteja acessível a todos, é necessário que a sociedade se torne mais equitativa, realizando uma melhor distribuição dos bens culturais. Em uma sociedade justa, a literatura flui livremente, sem obstáculos (Candido, 2012). Quanto mais igualitária for uma sociedade, maior será o acesso à cultura, aumentando assim as possibilidades de que esta contribua para o crescimento de todos.

Apresentando dados do Brasil sobre o quanto a população tem se focado na literatura no geral, a 6ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (abril–julho de 2024), realizada pelo Instituto Pró- Livro, mostrou que 53% dos brasileiros (cerca de 93 milhões) não leram sequer parte de um livro, seja físico ou digital, nos três meses anteriores à pesquisa. Quando se considera apenas quem leu livros inteiros, o número cai para 27% da população, indicando uma perda de cerca de 6,7 milhões de leitores em relação a 2019. A média atual de leitura é de 2,4 livros, sendo apenas 0,82 deles lidos por completo. As únicas faixas etárias que não apresentaram queda foram as crianças de 11 a 13 anos e os idosos com 70 anos ou mais.

A Região Sul se destaca como a mais leitora, com 53% da população lendo ao menos parte de um livro, sendo Santa Catarina o estado com maior índice (64%). A principal causa apontada para a diminuição da leitura é a falta de tempo (46%), somada ao aumento do uso da internet durante os momentos de lazer. Outro dado preocupante é a queda da leitura nas escolas: apenas 19% dos entrevistados citaram a sala de aula como local de leitura, contra 35% em 2007. Esses números refletem um cenário desafiador, reforçando a necessidade de políticas públicas que incentivem o hábito da leitura desde a infância e valorizem o papel das escolas como mediadoras do acesso à literatura.

A literatura possui a capacidade de influenciar a sociedade, e até mesmo textos considerados de pouca qualidade podem afetar a mentalidade coletiva. No começo do século XIX, a literatura começou a reagir aos efeitos da industrialização, que gerou enorme miséria, e os autores passaram a retratar a situação dos pobres de maneira mais autêntica. A pobreza e as novas formas de desigualdade social tornaram-se questões centrais na literatura, especialmente no período do Romantismo que, embora tivesse elementos conservadores, também introduziu uma perspectiva humanitária.

Ana Maria Machado destaca a personagem Emília do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* como uma personagem que questiona tudo, que não aceita as verdades impostas e que usa a imaginação como forma de resistência e expressão. Essa postura contestadora da boneca de pano representa, de forma lúdica, o mesmo impulso humanitário presente no Romantismo: a vontade de dar voz aos marginalizados, de desafiar as estruturas sociais injustas e de trazer à tona questões que muitas vezes são invisibilizadas.

Assim como o Romantismo começou a olhar para os pobres, os escravizados e os excluídos, personagens como Emília, que mesmo sendo "de pano" tem voz, ideias e coragem, mostram para as crianças que todos têm o direito de se expressar, de questionar o mundo e de lutar contra as desigualdades. A literatura infantil, portanto, quando bem construída como nas obras de Ana Maria Machado, também educa para a cidadania e forma leitores críticos desde a infância. O desafio da desigualdade cultural reside também na carência de diálogo entre as diferentes dimensões culturais. Em uma sociedade mais equitativa, todos teriam a oportunidade de explorar as diversas expressões culturais. No Brasil, em razão da desigualdade, o acesso a obras literárias eruditas é restrito, limitando a capacidade do povo de experienciar todo o potencial enriquecedor da cultura (Candido, 2012).

A literatura clássica tem um valor que vai além de fronteiras. Mesmo pessoas com pouca escolaridade podem se encantar com grandes obras, como já se viu em muitos países. No

Brasil, ainda há uma grande desigualdade social, o que faz com que muitas pessoas fiquem afastadas da cultura mais valorizada.

Lutar pelos direitos humanos é também garantir que todos possam ter acesso à cultura, em todas as suas formas. Não é justo dividir a sociedade entre "cultura popular" e "cultura erudita", pois todos têm o direito de aproveitar a arte e a literatura. Uma sociedade justa deve respeitar esse direito e garantir acesso igual à cultura para todos.

2.2 Literatura Infantil: notas conceituais

Considerando as contribuições de Arroyo (1990), observa-se que o autor apresenta uma visão abrangente da literatura infantil, que vai além de obras didáticas ou moralizantes. Segundo ele, toda obra destinada ao público infantil, seja para entreter, informar ou educar pode ser considerada parte desse universo. Sua perspectiva prioriza a experiência estética e emocional da criança com o texto, movendo o foco dos critérios adultos para o interesse próprio do indivíduo leitor.

Em seu livro (*Literatura Infantil Brasileira*), Vera Maria Tietzmann e traz os conceitos diferenciando o que seria literatura juvenil e literatura de adultos. Segundo ela, na juvenil, o texto é mais estético, feito para chamar a atenção do leitor de forma simples e acessível para formar o gosto pela leitura. Para o adulto, ela é mais complexa com palavras refinadas e profunda com possibilidades de reflexões e posicionamentos sobre questões sociais (Silva, 2008, p. 44).

Arroyo expõe os temas centrais que permeiam a evolução do gênero no país. Ele detalha sua progressão em quatro etapas: literatura oral, literatura escolar, imprensa infantil e a solidificação da literatura a partir da década de 1920, particularmente com Monteiro Lobato. A literatura infantil frequentemente se vê dividida entre ser um meio de ensino moral ou uma expressão artística e criativa legítima. Esse dilema tem um impacto significativo em sua trajetória no Brasil.

Arroyo também destaca outro ponto relevante: a importância da escolarização e do mercado editorial para o desenvolvimento da literatura infantil. A consolidação desse campo foi favorecida pela ampliação da alfabetização e da educação primária, bem como pelo aparecimento de editoras dedicadas ao público infantil. Antes desse período, os livros infantis eram escassos e geralmente utilizados para fins educacionais. Arroyo ressalta o papel fundamental da tradição oral e da cultura popular na criação da literatura infantil, reconhecendo

os contadores de histórias, assim como os antigos narradores populares, como uma base essencial para a formação de um repertório literário destinado às crianças.

Muitos contos que conhecemos hoje começaram como histórias contadas oralmente, passadas de geração em geração para ensinar valores, explicar o mundo ou simplesmente entreter. Os contos europeus, como os registrados pelos Irmãos Grimm e Charles Perrault, se tornaram os mais conhecidos por causa da colonização e da influência cultural da Europa. Histórias como *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho* foram padronizadas na forma escrita e amplamente divulgadas. Porém os contos dos povos indígenas e africanos também têm ricas tradições orais, com contos que falam sobre a criação do mundo, a natureza, animais com características humanas e ensinamentos dos mais velhos. Essas histórias, embora menos conhecidas, são fundamentais para entender suas culturas. Hoje, há um movimento para registrar e valorizar essas narrativas, reconhecendo que elas são tão importantes quanto os contos europeus na formação do imaginário coletivo.

O estudioso ressalta que a literatura infantil sempre inclui dois protagonistas implícitos: o adulto que cria e media, e a criança que lê. Essa relação é caracterizada por um conflito contínuo. Os adultos, como pais, educadores e editores, costumam desempenhar o papel de controladores do conteúdo, selecionando ou validando livros com base em padrões morais, pedagógicos ou comerciais. Frequentemente, espera-se que a literatura infantil atue como um instrumento de ensino ou reforço de valores, moldando o que é apresentado às crianças de maneira a preservar a ordem social.

Em contrapartida, Arroyo valoriza a criança como uma leitora ativa, com preferências, curiosidade e necessidade de imaginação. Segundo ele, o prazer estético deve preceder qualquer finalidade moral ou didática. A estética de um livro é importante tanto para encantar tanto para envolver a criança, mas o conteúdo também deve ser tão importante quanto, para que de forma natural possa despertar reflexões e aprendizados. Ou seja, é preciso valorizar a leitura como uma experiência significativa e não apenas como um instrumento de ensino, mantendo assim o respeito pela infância, reconhecendo a criança como sujeito de direitos, inclusive o direito ao prazer de ler por ler.

Esse embate entre a perspectiva normativa do adulto e o anseio lúdico da criança gera duas vertentes na literatura infantil: de um lado, obras moralistas focadas na formação do comportamento; de outro, aquelas que valorizam a sensibilidade e a imaginação infantil. De acordo com Arroyo, o desafio reside em encontrar um equilíbrio entre esses extremos, considerando a criança como um sujeito ativo na leitura, e não apenas como um alvo de lições.

Machado (2002), ao discutir sobre as obras de literatura infantil, vai apontar que a maioria das obras discutidas no livro até o momento em que ela o escreveu, não foram pensadas especificamente para o público infantil, embora tenha conquistado muitos jovens leitores, especialmente por meio de versões adaptadas. No entanto, também existem os clássicos da literatura infantil, que foram desenvolvidos com o objetivo de atender diretamente à infância.

Conforme a autora aponta, esses clássicos começaram a ser escritos na segunda metade do século XIX, até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Esse período é chamado por muitos estudiosos de “A Idade de Ouro” da literatura infantil, porque foi quando ela se diferenciou claramente da literatura para adultos. Não eram apenas livros infantis para ensinar algo ou entreter, mas verdadeiras obras literárias que agradam até leitores mais exigentes, como por exemplo, Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*.

Esses livros capturam muito bem a visão de uma criança e apresentam uma liberdade de pensamento surpreendente para a época. Eles criticam a escola e a sociedade, e mostram situações em que a lógica comum é completamente invertida. Psicólogos afirmam que Carroll, de forma intuitiva, explorou o tipo de pensamento criativo que as crianças têm, e isso as atrai (Machado, 2002).

Às vezes, as histórias podem ser um pouco angustiantes, como quando Alice se sente perdida e sem saber quem é, encontrando seres estranhos que a deixam desconfortável. Essa sensação de dúvida e a busca por identidade são típicas do processo de crescimento e da exploração do mundo, enfrentando o inesperado (Machado, 2002).

Alice no País das Maravilhas é um livro enganador. Pode parecer bobinho à primeira vista, na superfície, apenas a história de uma menina que persegue um coelho e acaba encontrando uma porção de bichinhos, reis e rainhas, personagens de cantigas para crianças. Mas esses e outros elementos que parecem basicamente infantis — como uma festa de aniversário, uma boa visita à cozinha, uma sessão de ouvir histórias, uma divertida brincadeira de roda, um jogo de bola ou de cartas — são vistos por Carroll de uma maneira bem diferente, transformando-se em outras coisas, como num sonho ou pesadelo. (Machado, p. 113, 2002)

Conforme aponta Machado (2002), alguns grandes clássicos foram inicialmente escritos para crianças, mas depois passaram a agradar a um público mais amplo, mostrando que a literatura infantil pode agradar a diferentes públicos. Obras como *Alice no País das Maravilhas* e *O Pequeno Príncipe* são exemplos de histórias que, embora tenham sido criadas para os pequenos, trazem reflexões profundas sobre a vida, o tempo, as relações e os

sentimentos. Isso mostra que a literatura infantil não é apenas uma forma de entretenimento ou aprendizado para crianças, mas também uma forma rica de expressão que pode emocionar e fazer pessoas de todas as idades a pensar, o que significa que essas histórias não ficam restritas apenas a um único público.

Machado (2002) também vai apontar o livro *Winnie Puff* que para ela tem um tom narrativo muito especial. Ele mistura a segunda e a terceira pessoa, criando um estilo coloquial que aproxima o leitor da história. O narrador fala diretamente com quem lê, como se estivesse contando uma história para um amigo. Mas, em alguns momentos, percebemos que esse “ouvinte” é na verdade o personagem Christopher Robin, e não o leitor. Esse recurso destaca a dualidade presente no livro, mostrando a diferença entre o mundo infantil e o mundo adulto.

Os personagens adultos, como Coelho, Coruja e Oió representam o mundo dos adultos que, aos olhos das crianças, parece confuso, cheio de regras sem sentido e até um pouco triste. Já os personagens infantis, como Puff, Leitão, Tigrão e Ru, só querem brincar, explorar e se divertir. O livro trata esse contraste com carinho, mostrando tudo dentro do universo da infância e da família, com muito afeto. Essa mistura de mundos e possibilidades de identificação é um dos grandes encantos da obra, que se tornou um clássico (Machado, 2002).

Outro ponto forte do livro é a linguagem que A. A. Milne ousou ao brincar com as palavras ao escrever para crianças. Diferente de Lewis Carroll, que usa uma lógica mais absurda, Milne prefere trocadilhos, rimas leves e diferenças de linguagem entre adultos e crianças. O resultado é divertido e cativante. No Brasil, a tradução de Monica Stahel consegue transmitir esse universo de forma sensível, mostrando que “Winnie Puff e Winnie Puff Constrói uma Casa” são muito mais do que simples histórias infantis ou imagens fofas da Disney, elas são obras-primas atemporais (Machado, 2002).

Nesse mesmo período, surgiram outros clássicos que marcaram a literatura infantil. Em países como Itália, Inglaterra e Brasil, os livros começaram a se afastar da moral rígida das fábulas e das histórias que ensinavam por meio do medo, como o alemão João Felpudo. Nessa nova fase, surgiram obras incríveis de autores como Carlo Collodi, J. M. Barrie e Monteiro Lobato (Machado, 2002).

As Aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi, foi publicada em 1883. A versão da Disney é bem conhecida, mas é muito diferente da história original que, aliás, é o livro infantil mais traduzido do mundo, disponível em mais de 200 idiomas. Vale muito a pena ler a obra completa, em boas traduções, como a de Monteiro Lobato ou a mais recente, de Marina Colasanti. A história de Pinóquio é atemporal: um menino cercado por tentações e desafios, que busca encontrar seu lugar no mundo (Machado, 2002).

A história mistura elementos de várias tradições narrativas: fábulas de animais, teatro de bonecos, histórias religiosas, a Bíblia e contos de fadas. O protagonista, um simples boneco de madeira que ganha vida, vive em um mundo real e cheio de perigos. Essa combinação de fantasia e realidade é uma das marcas dos grandes clássicos da literatura infantil e ajudou a moldar o gênero nas décadas seguintes (Machado, 2002).

No entanto, o mais importante não é que Pinóquio queira ser “bom” apenas por obrigação, mas sim porque ele aprende a amar. Ele sofre ao pensar que causou a morte da Fada e se sacrifica por Gepetto porque sente amor verdadeiro. Esse crescimento emocional de alguém que só pensava em si para alguém que se importa com os outros é o verdadeiro centro da história (Machado, 2002).

Por fim, o que torna *Pinóquio* tão especial é seu ritmo envolvente, os encontros inesperados, o humor constante e os momentos de emoção. Mesmo sendo de madeira, Pinóquio emociona o leitor. Ele parece um ator em cena: leve e divertido, mas com uma jornada cheia de profundidade (Machado, 2002). A obra é fundamental para a literatura infantil por combinar fantasia, aventura e ensinamentos morais de forma envolvente. Publicada no século XIX, ela inovou ao retratar a infância de maneira realista e simbólica, com um protagonista que erra, aprende e evolui. A história aborda temas universais como verdade, responsabilidade, educação e crescimento pessoal, tornando-se atemporal e relevante até hoje. Além disso, seu impacto cultural é imenso, com traduções em centenas de idiomas e diversas adaptações, consolidando Pinóquio como um símbolo da infância e da busca pela identidade.

Leveza e profundidade se misturam de forma curiosa em *Peter Pan* (1911), obra-prima do escocês James M. Barrie, desenvolvida a partir de versões anteriores de 1902 e 1906. O livro é leve por sua atmosfera mágica e encantadora, mas também denso por tratar da infância com ambiguidade: é vista ao mesmo tempo pelo olhar infantil e por uma perspectiva adulta e nostálgica (Machado, 2002).

Segundo Machado (2002), *Peter Pan* é uma obra profunda que vai além da imagem superficial do menino que não queria crescer. A autora destaca que o verdadeiro sentido da história está ligado ao desejo e à memória, elementos que impulsionam a narrativa marcada por humor, ação e uma dor transformada em poesia. *Peter Pan* não é apenas símbolo de imaturidade, mas representa crianças que não conseguem crescer por estarem presas a uma realidade difícil, como os “meninos perdidos”, comparados a meninos de rua. Além disso, Machado relembra que a história teve origem como peça teatral antes de ser adaptada para a literatura infantil, mantendo sua complexidade e múltiplas camadas de interpretação.

A obra de J. M. Barrie é rica em referências culturais e literárias. Ela reúne elementos da mitologia grega (como as sereias e o deus Pan), das histórias de piratas e ilhas tropicais, das aventuras românticas ligadas à liberdade e à natureza, dos contos de fadas, de histórias de feras e lobos, e até de relatos realistas sobre crianças abandonadas. No centro de tudo, porém, está a valorização da memória e do ato de contar histórias como forma de dar sentido à vida (Machado, 2002).

Na história, Peter Pan escuta as histórias contadas pela mãe dos irmãos Darling, da janela da casa deles. Depois, leva Wendy para a Terra do Nunca justamente para ocupar o papel de mãe e contadora de histórias. Lá, em meio às aventuras, percebe-se que Peter não consegue se lembrar nem de fatos recentes. Vive preso a uma eterna repetição, sem memória do passado. Quando seus irmãos começam a sofrer com essa mesma perda, Wendy entende que precisa contar a eles a própria história para que se lembrem de quem são e possam sobreviver (Machado, 2002).

É essa reflexão sobre a memória que torna “Peter Pan” tão atual, especialmente em um tempo marcado por modismos passageiros, celebridades instantâneas e esquecimentos constantes. A obra trata de algo muito profundo, a perda das lembranças e da identidade, mas faz isso com leveza. Graças à fantasia, ao ritmo ágil das aventuras e ao humor irônico, o livro consegue tocar em temas sérios sem se tornar pesado ou melancólico (Machado, 2002).

Essa mistura entre encantamento e dor é o que torna o livro tão especial. *Peter Pan* atrai as crianças com sua magia, e distrai os leitores mais desatentos, que podem não perceber a densidade por trás da leveza. No entanto, para quem lê com atenção, tudo está lá. Mesmo envolto em fantasia, o livro não é apenas uma história leve que desaparece sem deixar marcas, ele carrega significados profundos e continua atual e necessário (Machado, 2002).

Toda literatura sempre se fez em cima de um diálogo com as obras anteriores, de um contágio daquela escrita com os livros lidos pelo autor. Sem esse permanente intercâmbio, não se escreve. Hoje se reconhece isso de forma muito aberta e se fala em intertextualidade. Mas mesmo antes que surgisse esse nome, os textos sempre trocaram referências entre si, conversaram uns com os outros nas leituras de cada indivíduo que se aproximou deles, de cada autor que os criou (Machado, p. 127, 2002).

Monteiro Lobato é um exemplo de como a literatura infantil pode misturar diferentes culturas e referências. Mesmo criticando os modernistas de 1922, ele usou ideias de várias origens para enriquecer os livros do Sítio do Pica-Pau Amarelo, incluindo personagens como Peter Pan, Alice, Dom Quixote e figuras da mitologia, da política e até da mídia, conforme aponta Machado (2002). A autora destaca que Lobato também trouxe elementos do cinema e

dos desenhos animados, como Popeye e Walt Disney, adaptando tudo com criatividade como fez ao transformar o "pó de fadas" em "pó de pirlimpimpim". Inspirado por ideias de outros autores, ele criou soluções mágicas com o faz-de-conta e reinventou a boneca americana Raggedy Ann como Emília, uma personagem forte, crítica e livre, que se tornou símbolo da imaginação e da originalidade brasileira.

Para finalizar sua reflexão, a autora consegue fazer uma ligação entre o passado e o presente, mostrando que a literatura infantil não é apenas diversão, mas também uma forma de tratar temas importantes da vida. Ao analisar autores clássicos e compará-los com Monteiro Lobato, Machado (2002) mostra a importância de formar leitores desde cedo, colocando-os em contato com livros de qualidade, que continuam valiosos mesmo depois de muitas gerações. A análise da autora vai além de apenas comentar os livros. Ela chama atenção para o risco de as novas gerações perderem o acesso aos clássicos e, com isso, deixarem de conhecer a base cultural e literária que influencia os textos de hoje. Alerta ainda para o perigo de esquecer essas referências, o que pode enfraquecer a compreensão crítica da literatura atual. Assim, o livro não é só uma apresentação dos “clássicos universais infantis”, mas também uma defesa da importância de preservar, traduzir e reler essas obras, garantindo que os leitores de hoje e de amanhã continuem em contato com esse rico patrimônio cultural.

Conforme orienta Silva (2008), a leitura é compreendida como um percurso formativo, no qual o leitor vai se desenvolvendo progressivamente até ser capaz de apreciar e compreender a literatura voltada para o público adulto. Esse processo envolve o aumento gradual da complexidade dos textos, que devem ser adequados à idade e à maturidade do leitor, podendo conter aspectos como a extensão do texto, sua estrutura narrativa e temas abordados conforme o potencial de compreensão do leitor em cada etapa, fazendo assim com que a literatura infantil, juvenil e adulta não se diferenciam apenas pelo público-alvo, mas principalmente pelo nível de aprofundamento que exigem, acompanhando o crescimento intelectual e emocional do leitor.

2.3 - A literatura e a leitura em sala de aula com crianças

Em *Literatura Brasileira Infantil: um guia para professores e promotores de leitura*, a autora Vera Maria Tietzmann Silva (2008) discute o papel do professor como promotor da leitura, começando pela reflexão sobre o que é leitura e como ela deve ser incentivada. O texto destaca que há diferentes formas de leitura, como a leitura mecânica, a decodificação de símbolos e palavras e a leitura de mundo, conceito de Paulo Freire, que vai além do simples ato de ler letras, envolvendo a interpretação da realidade e dos sentidos da vida. Conforme aponta

a autora, essa leitura de mundo é contínua, começa na infância e nunca termina, sendo essencial para a formação crítica dos indivíduos. Segundo o texto, ela precede a leitura mecânica e deve ser somada a ela no processo educativo.

O texto cita diferentes formas de leitura e destaca o papel essencial do professor e da contação de histórias no incentivo ao hábito de ler. Inicialmente, apresenta a ideia de que ler não é apenas decodificar palavras, mas também interpretar sinais, imagens e sons que compõem o mundo à nossa volta. A leitura, portanto, pode ser entendida de formas variadas e complementares (Silva, 2008).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2017, p.25), encontramos apenas uma competência que prevê a importância de contar histórias: “Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”. Ou seja, o documento apresenta possibilidades para a estimulação do imaginário do indivíduo, para despertar a curiosidade, para aprender a lidar com os sentimentos e emoções, fazendo desses momentos um espaço acolhedor para a criança para expor suas ideias.

Silva destaca três tipos principais de leitura: a leitura mecânica é aquela que envolve o reconhecimento e decodificação de palavras e símbolos escritos, comum nas aulas tradicionais; a leitura de mundo, proposta por Paulo Freire, vai além das palavras e envolve a interpretação da realidade, começando desde a infância, antes mesmo da alfabetização; por fim, a leitura crítica representa um nível mais avançado de compreensão, no qual o leitor analisa, compara, questiona e assimila conclusões sobre o que lê, sendo resultado de prática e aprendizado, não de um dom natural (Silva, 2008).

A autora também reflete sobre a literatura infantil no contexto escolar, que é frequentemente vivenciada de forma coletiva e compartilhada, com o professor atuando como um leitor e mediador que forma novos leitores. Nesse cenário, surge a valorização da contação de histórias, uma prática antiga que permanece atual por sua capacidade de encantar e envolver ouvintes de todas as idades. Contar histórias é visto como um recurso eficaz para motivar a leitura, diferente de simples anedotas, pois desperta a imaginação e prepara o ouvinte para a leitura de livros (Silva, 2008).

A autora reforça a importância do contador de histórias como alguém que não apenas diverte, mas também incentiva o ouvinte a se tornar leitor. Ele compartilha informações sobre o livro, o autor e a editora, sendo fiel ao texto original e mantendo o estilo do autor. O ouvinte, por outro lado, tem um papel mais passivo nesse processo, pois recebe a história pronta, pela voz do contador (Silva, 2008).

Outro tipo de leitura apresentada é a leitura compartilhada em círculo, em que um leitor mais experiente (o “leitor-guia”) lê em voz alta para um grupo, explicando trechos difíceis e chamando atenção para detalhes do texto. Esse tipo de leitura ajuda os ouvintes a se tornarem leitores mais autônomos no futuro (Silva, 2008, p.35). Ao ler em voz alta, explicar trechos difíceis e destacar aspectos importantes do texto, as professoras oferecem aos alunos modelos de interpretação, ampliam o vocabulário e despertam o interesse pela leitura. Essa abordagem também favorece o diálogo, a escuta atenta e a construção coletiva de sentidos, criando um ambiente de aprendizagem colaborativo e significativo.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) prevê e valoriza práticas como a leitura compartilhada em círculo, especialmente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Elas aparecem na Educação Infantil (EI03ET04, EI03EF05), propondo que as crianças sejam expostas a práticas de leitura realizadas por adultos, com mediação, como forma de familiarização com os textos e de desenvolvimento da oralidade, escuta atenta e interesse pela leitura. Como, por exemplo, campo de experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”): “Escutar com atenção histórias, poemas, cantigas, lidas e/ou contadas por crianças mais velhas e adultos, manifestando opiniões sobre elas” (Brasil, 2017, p.).

Já no Ensino Fundamental – Anos Iniciais na área de Língua Portuguesa, a BNCC sugere fortemente a mediação de leitura pelo professor ou por leitores mais experientes (como no caso do “leitor-guia”), principalmente nos primeiros anos, com o objetivo de desenvolver a compreensão oral, ampliar o repertório textual e literário, incentivar a formação do gosto pela leitura e promover a autonomia progressiva dos alunos como leitores (Brasil, 2017, p.55).

A leitura individual e silenciosa também é destacada como uma das melhores formas de aproveitar um livro. Silva (2008) aponta que o poeta Mário Quintana dizia que ler é estar sozinho, mas acompanhado ao mesmo tempo. Isso porque, ao ler, o leitor entra em contato com os pensamentos do autor e das personagens, vivendo emoções como alegria, esperança e consolo. A escola deve incentivar esse tipo de experiência com a leitura.

No contexto escolar a leitura individual pode ser incentivada de diversas formas para criar um ambiente propício ao desenvolvimento do hábito de leitura. A sala de aula deve ser um espaço acolhedor, com um ambiente tranquilo, onde os alunos possam se concentrar durante a leitura, como cadeiras confortáveis, iluminação adequada e um espaço organizado são essenciais para a criança. Também podemos estabelecer momentos específicos para a leitura silenciosa, como 15 a 20 minutos diários ou três vezes na semana, pode ajudar os alunos a incorporar a prática à sua rotina escolar. Após o período de leitura silenciosa, o professor pode

realizar uma discussão sobre o que foi lido, permitindo que os alunos compartilhem suas interpretações e sentimentos.

Oferecer uma variedade de gêneros e estilos de leitura é fundamental e para facilitar a leitura silenciosa, o professor pode iniciar com textos mais curtos, como crônicas, poesias ou contos, e, aos poucos, ir introduzindo obras mais longas. De acordo com os interesses dos alunos, o professor pode sugerir livros que despertem curiosidade e empatia, possibilitando que cada um tenha uma experiência individualizada com a leitura, criando assim a consistência que é importante para que a leitura se torne um hábito.

No ambiente diferente ou fora da sala de aula existem as possibilidades de realizar leituras silenciosas em bibliotecas e clubes de leitura, pode ser uma excelente oportunidade para os alunos continuarem a leitura individualmente. Os clubes de leitura podem promover encontros periódicos para discussões sobre os livros lidos, incentivando a troca de experiências e a reflexão. Outra possibilidade é estimular a leitura em casa, com o apoio dos pais ou responsáveis, é outra forma de reforçar a prática da leitura individual. Os alunos podem ler em voz alta para a família ou, se possível, realizar leituras conjuntas, o que fortalece o vínculo afetivo com a leitura.

Silva também reflete sobre o papel do promotor de leitura, que pode ser um professor ou leitor-guia. Cita Monteiro Lobato como grande exemplo de incentivador da leitura no Brasil, especialmente por meio da personagem Dona Benta, que mesmo morando em um lugar simples, estava conectada ao mundo todo por meio dos livros e jornais.

A personagem fazia isso de duas formas: trazendo jornais e livros do mundo urbano para o campo e convidando todos os moradores do sítio para participarem das sessões de leitura, não apenas os netos, mas também personagens como a empregada, a boneca e o sabugo (Silva, 2008).

Ao refletir sobre o papel do professor como promotor da leitura, Silva destaca não apenas as diferentes formas de ler (mecânica, de mundo e crítica), mas também a importância de tornar o ato de ler algo acessível, significativo e prazeroso.

A literatura juvenil é uma invenção recente; antigamente, os jovens iniciavam a leitura por quadrinhos, revistas e obras de autores como Monteiro Lobato, passando naturalmente para livros adultos, sem traumas, num tempo em que a leitura era uma forma de lazer desvinculada da escola. Hoje, no entanto, a leitura está fortemente associada ao ambiente escolar, o que favoreceu o crescimento da produção editorial infantil e juvenil, mas também atribuiu à leitura um caráter de obrigação, tirando parte do seu prazer. Além disso, fatores culturais da era digital, como o excesso de estímulos visuais e imediatismo, têm diminuído a paciência dos jovens para

leituras longas e complexas, tornando mais difícil seu envolvimento com livros que antes encantavam gerações (Silva, 2008).

A leitura é vista como um processo gradual que prepara o leitor para obras adultas, com textos que se tornam mais complexos conforme a idade e maturidade do leitor. Livros infantis são facilmente reconhecíveis por seu formato e ilustrações, que diminuem à medida que o leitor avança. Há obras que transitam entre o juvenil e o adulto, chamadas de textos fronteirios, como as de Marina Colasanti, Bartolomeu Campos de Queirós e Lygia Bojunga, conforme aponta Silva (2008).

Supõe-se que o desenvolvimento intelectual acompanhe o crescimento físico, mas essa ideia se mostra frágil em contextos em que muitos adultos ainda lutam contra o analfabetismo. Por isso, é necessário oferecer a todos, inclusive a adultos em fase de alfabetização, trajetórias possíveis de leitura (Silva, 2008). A leitura no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) não deve ser infantilizada, mas deve-se sim respeitar as características e as experiências de vida dos alunos, que são muito diferentes das de crianças. O desafio está em proporcionar leituras que atendam às necessidades e interesses dessa faixa etária, considerando sua bagagem de vida e, muitas vezes, suas dificuldades com a leitura e escrita. Nessa etapa da educação, a literatura deve ser acessível e significativa, levando em conta que os alunos podem ter uma vivência literária e acadêmica mais limitada. Lembrando que isso não significa que o conteúdo deva ser simplificado de maneira a parecer infantil, pelo contrário, a literatura precisa ser desafiadora, mas de maneira adequada à realidade desses alunos, oferecendo temas relevantes para suas vidas, como questões sociais, culturais e existenciais.

Quanto aos temas, não há mais fronteiras rígidas entre o que seria “infantil”, “juvenil” ou “adulto”, já que autores como Monteiro Lobato e Lygia Bojunga abordam questões sérias e complexas mesmo em obras voltadas ao público jovem, embora a maioria dos autores ainda evite tratar de temas mais duros com crueza (Silva, 2008).

Conforme aponta Silva, a ficção adulta explora personagens e conflitos mais profundos, com foco na introspecção. Embora a literatura juvenil não alcance esse nível de profundidade, ela oferece uma visão de futuro e utiliza a fantasia como uma ferramenta de reflexão crítica, como em obras de Lobato e Bojunga. Para jovens, a literatura é uma maneira de explorar novos mundos e estimular a imaginação, enquanto para adultos, livros mais simples servem como entretenimento e uma porta de entrada para novos leitores. Editoras vêm investindo em coleções de contos juvenis, que, além de serem educativas, oferecem narrativas acessíveis que despertam o interesse pela leitura (Silva, 2008).

O conto é uma forma literária breve e eficaz, que exige do leitor uma leitura ativa e atenta para compreender suas entrelinhas e associações, despertando tanto a razão quanto a emoção. Para jovens leitores, as narrativas são menos complexas, mas ainda estimulam a inteligência e a sensibilidade, preparando-os para leituras mais difíceis no Ensino Médio. É importante escolher obras que estejam de acordo com o interesse e o nível do leitor, para garantir uma experiência significativa e prazerosa, facilitando a transição para a literatura adulta (Silva, 2008).

A principal diferença entre a literatura juvenil e a adulta está no aspecto estético, pois a adulta exige maior atenção e leitura crítica. O professor, como guia, pode ajudar os jovens a apreciarem contos, crônicas e minicontos, que servem como material acessível e reflexivo para a sala de aula. Obras de autores como José J. Veiga, Marina Colasanti e Lygia Fagundes Telles são citadas como exemplos. A leitura dessas narrativas breves ajuda os alunos a perceberem técnicas literárias e a transitar gradualmente para romances adultos menos complexos (Silva, 2008).

3. A narrativa de Bojunga e suas possibilidades

Dando continuidade ao desenvolvimento deste trabalho, nas seções deste capítulo, serão apresentadas informações mais detalhadas sobre a trajetória de vida da escritora Lygia Bojunga; em seguida, será realizada a análise da obra *A casa da madrinha* (2012), considerando seus principais aspectos temáticos e narrativos. Por fim, serão mencionadas e discutidas algumas obras da autora que podem ser exploradas e trabalhadas no contexto da sala de aula, destacando suas contribuições para o ensino e a formação do leitor.

3.1 Sobre a autora e sua trajetória de vida

Lygia Bojunga é uma premiada escritora brasileira. A autora nasceu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Mas, com oito anos de idade, ela e a família se mudaram para o Rio de Janeiro. Mais tarde, com 19 anos, a escritora começou a trabalhar como atriz na companhia teatral Os Artistas Unidos. A relação com o teatro a fez enveredar pelo mundo da escrita e da tradução de peças teatrais. Também escreveu para o rádio e para a televisão. Mais tarde, aos 40 anos de idade, ela inicia sua carreira de escritora de livros infanto-juvenis, publicando em 1972 sua primeira obra desse gênero.

Antes de se dedicar a escrever livros para o público infanto-juvenil, ela foi atriz e antes disso ela abandonou o curso de medicina para fazer teatro. Mais tarde, se tornou editora dos próprios livros. Ao descobrir o seu grande talento, ela trilhou uma carreira que lhe renderia vários prêmios. Em 1982, se mudou para Londres, acompanhando seu marido que é inglês. A partir daí, passou a viver na ponte aérea entre Rio de Janeiro e Londres. Além disso, ela usou de sua formação em teatro para encenar as próprias obras durante os anos 1990.

Ao longo de sua carreira a autora publicou, em ordem cronológica as seguintes obras *Os Colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor* (1987), *Nós três* (1987), *Livro, um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *6 vezes Lucas* (1995), *O Abraço* (1995), *Feito à mão* (1996), *A Cama* (1999), *O rio e eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de inglês* (2006), *Sapato de salto* (2006), *Dos Vinte I* (2007), *Querida* (2009), *Intramuros* (2016).

Ela ganhou vários prêmios importantes e, pelo conjunto da obra, ela recebeu o Hans Christian Andersen (um dos mais importantes prêmios internacionais da literatura infantil e

juvenil) e o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award 2004, de literatura infantil, considerado o maior prêmio internacional voltado à literatura infantil e juvenil, criado pelo governo da Suécia). Graças a essas premiações ela realizou o sonho de abrir sua própria editora, o que aconteceu em 2006. A partir de então passou a ser responsável pela publicação dos próprios livros. E criou também a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, em 2006, a qual apoia projetos relacionados ao livro e ao meio ambiente.

Em suas obras Bojunga atrai a atenção do leitor, envolvendo-o e instigando a conhecer mais sobre a história dos personagens, por meio de sua linguagem envolvente, misturando elementos do real e do sobrenatural, utilizando joguetes próprios de sua escrita única. Outra característica marcante é o fato de a autora abordar de modo direto temas sensíveis, não criando longos trechos narrativos que tornam lenta a leitura do texto. Ela os expõem de forma simples e rápida, utilizando poucas palavras que confirmam o que o leitor já estava prevendo. Pode-se dizer ainda que as obras de Bojunga apresentam crítica social, monólogo interior e buscam mostrar, com muita criatividade, o universo infantil, principalmente o feminino. E seu livro mais famoso é *A bolsa amarela*.

Para aprofundar e entender o universo de Bojunga, iremos realizar a análise da obra escolhida *A casa da madrinha* (2012) e, mencionaremos algumas de suas obras nas duas próximas subseções, obras estas, que podem ser trabalhadas em sala de aula.

3.2. Uma visita à casa da madrinha

A obra *A casa da madrinha* (2012) oferece amplo material para análises relacionadas à literatura, educação e estudos culturais. Analisar esse livro contribui para a valorização da literatura nacional e para o aprofundamento dos estudos sobre o papel da literatura infanto-juvenil na formação social de crianças e adolescentes, isso porque narrativas literárias como essa contribui para a construção de valores como empatia, solidariedade, justiça e sensibilidade para com o próximo. Além disso, a obra possui uma forte carga simbólica, utilizando a imaginação como forma de enfrentamento da realidade, trabalhando intensamente o imaginário infantil, e explorando, por meio dele, a capacidade da criança lidar com o real, recorrendo a sua imaginação para superá-lo, aspectos estes que serão discutidos e exemplificados durante essa análise.

A narrativa de Lygia Bojunga é contada de forma não linear, alternando passado e presente, ou seja, trata-se de um tempo psicológico, estrutura narrativa muito comum na modernidade e amplamente usada pela a escritora. Vale ressaltar que os espaços trabalhados no

livro também podem ser classificados em reais e psicológicos. Por exemplo, o sítio onde parte da história acontece é real, enquanto a favela (por estar no passado) e a casa da madrinha (por ser fruto da imaginação) são espaços irrealis, psicológicos. O foco narrativo do texto é dividido entre narrador observador e narrador personagem, oscilando em terceira e primeira pessoa. Partes dos capítulos é narrada por um narrador onisciente enquanto a maioria dos capítulos é narrada pelo protagonista Alexandre.

A história se inicia com o jovem Alexandre realizando um show com um Pavão que fala, dança e sabe fazer mágica. A apresentação é realizada na sombra de uma árvore grande em uma cidade do interior, onde conhecem uma jovem chamada Vera, para quem Alexandre conta a sua história de quando ele morava na favela do Rio de Janeiro e vendia sorvetes na praia de Copacabana para ajudar a família. Augusto, um irmão mais velho que Alexandre, acredita no conhecimento como possibilidade de mudança para a vida deles, para ele aprender não é somente ir para a escola é também observar, pensar e imaginar, e graças ao irmão mais velho que Alexandre vai para a escola. Ele incentiva Alexandre lhe contando histórias, aliviando, assim, o esforço do dia cansativo de trabalho, despertando a curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo.

Na escola, ele se encanta ao entrar em contato com a metodologia de uma professora criativa, que incentivava as crianças por meio de métodos lúdicos de ensino. No entanto, a escola tradicional não aceita as ideias inovadoras da professora, que acaba sendo censurada pela instituição.

Enquanto isso, o irmão de Alexandre se muda para São Paulo. Augusto é importante na vida de Alexandre por ser considerado por ele uma figura paterna, por isso o garoto sofre com sua mudança. A partir de então, Alexandre abandona a escola para se dedicar ainda mais ao trabalho e para sustentar a família. Antes de partir, porém, Augusto havia contado a Alexandre que ele tinha uma madrinha e que ele deveria visitá-la um dia no futuro. Ele conta também que ela vive num lugar mágico onde todos os desejos podem se realizar e tudo que ele quiser tem na casa dela. Augusto ainda promete para Alexandre que, quando voltasse de São Paulo, os dois iriam juntos até lá.

Chega o verão e seu irmão não aparece, isso faz com que Alexandre decida ir procurar sozinho a tão sonhada casa da madrinha. No caminho, ele encontra o Pavão que foi maltratado e explorado pelos antigos donos. Juntos, os dois começam a fazer apresentações pelo interior do estado, ganhando algum dinheiro e, talvez, um pouco de esperança na longa estrada que estavam percorrendo.

Durante essa jornada, eles conhecem Vera, uma garotinha que os acolhe em sua casa, situada em uma fazenda, mas, quando os pais dela descobrem a presença deles, obrigam Vera a pedir que deixem a propriedade. Sentindo-se frustrados com a realidade, Alexandre e Pavão idealizam como dar seguimento a viagem deles para a "casa da madrinha", na qual Vera irá junto. Mas, para chegar lá, eles inventam um cavalo imaginário chamado Ah. Quando chegam lá, a casa é exatamente como Alexandre imaginava ser. Na geladeira, tinha comida o tempo todo, o armário estava cheio de coisas que eles poderiam usar sempre que quisessem, na propriedade também tinha rio e tinha mar. No entanto, com o passar do tempo, a fantasia do garoto e do Pavão é desfeita, já que Vera, influenciada pelos conceitos dos adultos e pela dura realidade da vida, decide voltar aos seus deveres e seguir com suas responsabilidades, fazendo com que todos eles tenham de voltar dessa viagem. Mas, depois de irem embora, Alexandre encontra a chave, que antes guardada na flor da porta, em sua mala a pega e guarda no bolso, uma forma simbólica de superação da ideia de que a felicidade depende de um lugar mágico e crescimento interior.

Como se percebe, essa narrativa literária pode ser compreendida como uma reflexão sobre os sonhos, sobre a busca por um lugar melhor e também como a realidade dura das coisas, muitas vezes, entra em conflito com as expectativas e ilusões que os personagens alimentam. A história aborda a complexa relação entre crianças e adultos, explorando contextos sociais e culturais que moldam as decisões e as perspectivas de vida, abordando temas profundos, como a busca por pertencimento, a solidão e o processo de amadurecimento, aspectos estes de grande importância no processo de formação sociocultural da criança e do adolescente.

Depois de fazer um breve resumo da obra passaremos agora a análise de elementos temáticos e estruturais que dialogam com essa pesquisa.

De certo modo o tema da “formação” está presente em toda a narrativa, isso porque tanto na trajetória de Alexandre quanto a do pavão encontramos situações de contexto escolares nos quais ambos passam por diferentes processos formativos, enquanto Alexandre em seu contexto escolar era incentivado a ser criativo, por outro lado o Pavão viveu uma experiência marcada pela repressão e controle, como detalharemos a seguir.

A experiência de Alexandre com a escola se torna significativa com a presença de uma professora que chama sua atenção por usar uma maleta em suas práticas pedagógicas, a profissional sempre usava uma maleta com sua aparência velha, um pouco estragada e gorducha assim como a professora.

A Professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na aula e já contava uma coisa engraçada.

Depois abria a maleta e escolhia o pacote do dia. Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era atoa que a maleta ficava gorda daquele jeito. (Bojunga, 2023, p. 62)

A professora de Alexandre é apresentada como uma personagem que evidencia o conflito entre o desejo de uma educação mais humana e as pressões impostas pela direção da escola. Ela valoriza a participação, a imaginação e a liberdade de expressão sem a rigidez de uma escola tradicional, aspectos que se aproximam de uma pedagogia mais sensível às necessidades das crianças. Ela consegue criar um ambiente em que os alunos possam pensar, perguntar e se expressar sem medo, o que favorece a construção do conhecimento de forma mais significativa.

No entanto, essa postura entra em choque com a direção da escola, que representa um sistema educacional burocrático, autoritário e conservador. A direção impõe regras rígidas, cobra resultados padronizados e exige que os professores sigam métodos tradicionais, baseados na disciplina excessiva, na repetição e no controle. Como consequência, a professora passa a ser vigiada, pressionada e limitada em suas práticas pedagógicas causando em seus alunos um estranhamento por não haver mais a maleta com seus pacotes.

Sob essa pressão institucional, a professora de Alexandre é gradualmente afetada: sua liberdade de ensinar diminui, seu entusiasmo e vontade de transformar seus alunos é contido e sua criatividade sofre com essas restrições. Ela acaba sendo forçada a recuar em suas propostas inovadoras, mostrando como mesmo educadores bem-intencionados podem ser silenciados por um sistema que não permite mudanças, fazendo outra crítica ao fato de que o problema da educação não está apenas nos professores, mas também na instituição de ensino que, muitas vezes, sufocam iniciativas pedagógicas mais humanas. Assim, a autora evidencia que, sem apoio institucional, mesmo os professores mais dedicados acabam sendo afetados negativamente, o que compromete a qualidade da educação e o desenvolvimento dos alunos.

Assim como a autora utiliza a vivência de Alexandre na escola para valorizar processos formativos na criatividade, no protagonismo infantil e na liberdade de expressão, ela evidencia uma educação que incentiva a criança a criar, imaginar e participar ativamente do próprio aprendizado. Nesse contexto, o processo educativo se apresenta de forma lúdica, permeado por experiências significativas que despertam o interesse da criança, fortalecem sua autonomia e a motivam a expressar ideias, sentimentos e pensamentos de maneira livre e criativa.

O personagem Pavão é descrito com o pensamento atrasado, ele foi colocado em uma escola com três cursos diferentes Curso Papo, Curso Linha e o Curso Filtro, as vezes o Pavão fala muito sobre sua vida e em seguida fica em total silêncio, isso acontece por causa do Curso

Filtro, no qual colocaram um filtro na cabeça dele para ele pensar pingado, como um pensamento de cada vez. Aqui Bojunga usa o recurso do simbolismo referente a censura de conteúdo para as crianças através do “pensamento pingado” da Escola Osarta, ele representa uma forma de pensamento controlada, limitada e fragmentada, fazendo uma crítica a escola tradicional.

O “pensamento pingado” simboliza um ensino que não permite a liberdade de pensar, onde as ideias são dadas aos poucos, de maneira mecânica, sem espaço para questionamentos ou criatividade. Os alunos aprendem apenas o que é permitido, como se o pensamento fosse “dosado”, impedindo o desenvolvimento da imaginação e da reflexão crítica.

A Escola Osarta que ao contrário se escreve Atraso, como um todo, simboliza uma instituição rígida e autoritária, que valoriza a obediência e a repetição, em vez da expressão pessoal. Ao criticar esse modelo, Lygia defende uma educação mais humana, sensível e aberta ao diálogo, em que a criança possa pensar livremente e construir seu próprio conhecimento. Assim, o simbolismo do “pensamento pingado” funciona como uma metáfora da opressão intelectual, mostrando como a escola pode limitar sonhos e ideias quando não respeita a individualidade e a imaginação das crianças.

A escola do Pavão é apresentada como uma crítica direta aos modelos tradicionais de ensino. Nesse espaço, a autora denuncia práticas educativas rígidas e autoritárias, que priorizam a obediência, a repetição mecânica e o controle do comportamento infantil em detrimento da criatividade. A criança, em vez de ser incentivada a pensar, imaginar e questionar, é silenciada, reprimida e moldada para se encaixar em padrões previamente estabelecidos. A escola deixa, assim, de ser um espaço de descoberta e passa a funcionar como um ambiente de contenção e limitação da subjetividade.

Ao construir esse contraste, Bojunga evidencia que uma educação que não reconhece a singularidade da criança compromete seu desenvolvimento integral. A Escola do Pavão simboliza, portanto, um sistema educacional que sufoca a criatividade e enfraquece a liberdade de expressão, enquanto a experiência de Alexandre aponta para a necessidade de práticas pedagógicas mais humanizadas, que respeitem a infância como um tempo de experimentação, imaginação e construção de sentido.

Sobre a questão estrutural, podemos começar com a estrutura de diálogo utilizada pela escritora. Lygia recorre amplamente a esse recurso em suas obras, para representar as conversas entre os personagens. Podemos dizer que sua formação em teatro tenha sido uma influência importante para essa estrutura de gênero dramático, ou seja, um recurso característico que remete a um gênero dramático.

A presença constante de diálogos na literatura infantil exerce um papel fundamental no processo de formação da criança, pois torna a leitura mais dinâmica, fluida e acessível, favorecendo a compreensão e o envolvimento com a narrativa. Essa estrutura dialogada, amplamente utilizada tanto no teatro quanto nas histórias infantis, aproxima o texto do universo da criança, que reconhece na fala dos personagens situações semelhantes às vividas em seu cotidiano, fortalecendo sua identificação com a história. O diálogo a seguir mostra uma característica da criança em ser naturalmente curiosa em querer saber os porquês do mundo ao seu redor:

- O que é que tem depois daquela cerca?
- Onde?
- Lá. Depois de tudo que a gente vê daqui.
- Não sei. Eu só conheço até a cerca.
- Por quê?
- Por que o quê?
- Que você nunca foi até lá?
- Pra quê?
- Pra ver o que é que tem do outro lado de lá.
- Disseram que é melhor a gente não ir.
- Quem disse?
- Todo mundo.
- Por quê?
- Sei lá. Acho que o pessoal do outro lado não quer (Bojunga, p. 19-20).

Além de facilitar a leitura, os diálogos promovem a interação entre os personagens, elemento essencial para o desenvolvimento da linguagem, da escuta e da empatia. Ao acompanhar essas trocas verbais, a criança aprende que a comunicação é um meio legítimo de expressar ideias, sentimentos, conhecimentos e questionamentos. A literatura, desse modo, ultrapassa a função de entretenimento e se consolida como um instrumento formativo, capaz de estimular o pensamento crítico e a autonomia da criança.

- Então lá é bom?
 - Não, tirando a vista, o resto todo é ruim, é pobre.
 - E sua mãe?
 - Tá sempre lavando e passando.
 - Por quê?
 - Porque ela lava pra fora, ué.
 - Hmm. E as tuas irmãs?
 - Trabalhando de empregada lá embaixo.
 - E o Augusto?
- A cara de Alexandre se abriu, a ruga na testa sumiu:
- Ah, o Augusto é legal. Eu gosto um bocado dele (Bojunga, p. 58-59).

Na narrativa, temos também a presença do sobrenatural que aparece principalmente nos lugares mágicos, como o caminho para chegar até a casa da madrinha e a própria casa em si, que simboliza um espaço de proteção, sonho, acolhimento, liberdade, felicidade e esperança.

Ao longo da narrativa, o menino Alexandre vive situações que fogem à lógica do mundo real, como encontros inesperados e caminhos que parecem guiados pela imaginação. Esses elementos mágicos ajudam o personagem a enfrentar seus medos, sua pobreza e as dificuldades do cotidiano.

Ela olhou o relógio, ele pegou uma folha e tapou o mostrador. Ela riu, ele repetiu:

- A gente inventa um cavalo.

[...]

Chamaram juntos com toda força.

- Aaaaaaah!

E o cavalo apareceu. Amarelo até não poder mais arrastando o rabo no chão. Alexandre pulou pra cima dele, ajudou Vera e o Pavão a subir. E pronto, o Ah já saiu galopando (CM, p. 133-135).

Lygia Bojunga usa o sobrenatural para representar os desejos, sentimentos e conflitos internos da criança, o que pode ajudar a criança a compreender melhor a realidade, servindo como recurso para valorizar a sensibilidade infantil e a esperança diante das dificuldades da vida. Nesse caso, o caminho não seria físico, mas sim emocional e psicológico.

Nesta obra, os animais como o Pavão e a Gata da Capa falam, pensam e interagem como pessoas ao longo da narrativa, simbolizando a liberdade de expressão, funcionando como vozes que dizem verdades que os adultos não enxergam ou não querem dizer. O relógio aparece com um caráter quase sobrenatural, controlando rigidamente a rotina e o comportamento das pessoas, como um tempo opressor da vida adulta, do trabalho e da escola, em contraste com o tempo livre e imaginativo da infância. Sendo assim a infância também é esmagada pela rotina no modo de produção capitalista.

O sobrenatural manifesta-se por meio de situações quando a lógica do mundo real é suspensa. Na transição para a casa da madrinha, por exemplo, tudo fica um completo breu e, o cavalo Ah some aos poucos, fazendo-os retornarem ao chão. Para Alexandre, imaginar a casa da madrinha é uma maneira de organizar o caos do mundo em que ele vive, de dar sentido a uma existência marcada pela carência afetiva e material. O sobrenatural cumpre a função de não resolver os problemas recorrendo a fantasia, mas permite que a criança continue existindo e desejando.

Existe a sensação de incerteza em vários momentos em que o leitor pode não saber exatamente quando termina a realidade e começa a imaginação criando uma atmosfera sobrenatural na qual a criança tem o direito de fantasiar, questionando a lógica do mundo real do adulto.

O pesquisador Kelio Junior Santana Borges, no trabalho “A leitura de mundos possíveis: o expediente sobrenatural em Lygia Bojunga”, publicado no livro *Literatura Infantil e Juvenil: desvios criativos, diversidade e emancipação em processo* (2023), analisa a presença do sobrenatural em diferentes textos da escritora. Segundo ele, as obras bojunguianas nas quais vigora o “tempo da fantasia” dialogam diretamente com as narrativas folclóricas que, há muito, vêm sendo camadas, entre universo acadêmico, de contos de fadas ou contos maravilhosos (Borges, p. 77).

Baseando-se em estudos de outros pesquisadores, Borges explica que:

Normalmente as situações conflitantes são resolvidas graças à manifestação de forças típicas do universo maravilhoso, algo inconcebível à mente influenciada pelo cientificismo atual. Tanto nos contos populares tradicionais quanto nos textos bojunguianos, é a magia o elemento responsável pela superação das provas impostas no processo rumo ao crescimento (Borges, p. 79).

Segundo o estudo acima citado Lygia Bojunga explora diferentes vertentes do sobrenatural e aquela presente em *A casa da madrinha* se aproxima muito da perspectiva encontrada também em outros livros como *Angélica* (2006 a ou b) e *Os colegas* (2004 a). Sobre isso Borges defende que:

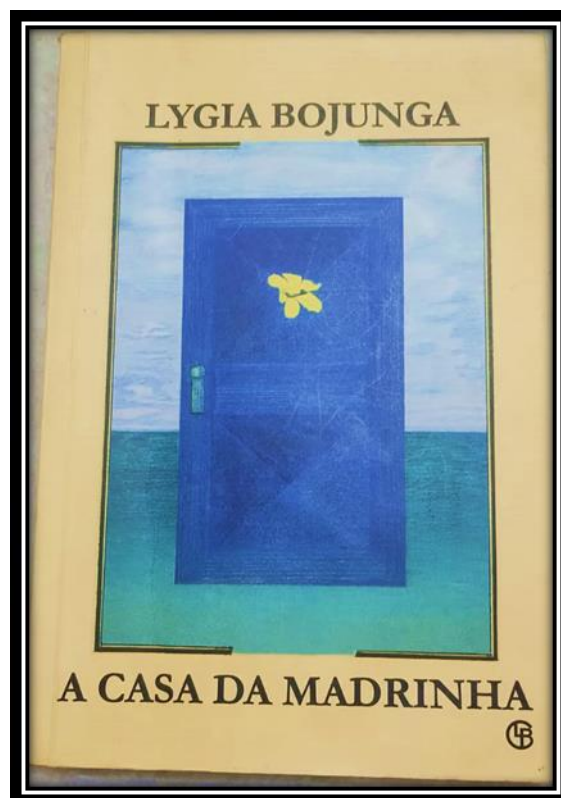
É dentro dessa ambientação mágica que, entre outras coisas, são concedidos traços humanos a animais, tornando-os capazes de vivenciar experiências e conflitos identitários tipicamente humanos. Não bastassem esses personagens maravilhosos, são comuns eventos extraordinários, também pertencentes a uma outra ordem. Ora mais densas, algumas narrativas são protagonizadas somente por animais humanizados, como acontece em *Angélica* e *Os colegas*. Ora numa versão mais tímida do elemento mágico, as peripécias envolvem animais e seres humanos que compartilham o mesmo espaço e podem protagonizar juntos as mais variadas aventuras, assim como ocorre em *A casa da madrinha*, *A bolsa amarela* e *Sofá estampado* (Borges, p. 79).

Outro ponto a ser explorado, é a ilustração na obra da autora. Do ponto de vista estético e lúdico, as obras de Lygia apresentam nas capas, um convite explícito à leitura crítica e interpretativa, em especial nesta obra que traz uma porta como imagem. Essa imagem funciona como metáfora visual da transformação, antecipando ao leitor a ideia de que a narrativa permite a transição entre real e imaginário.

A capa, portanto, não é apenas um elemento ilustrativo, mas parte construtiva da experiência literária, com o início de um pacto de leitura em que a fantasia se apresenta como possibilidade concreta de ressignificar o mundo. Esse recurso reforça a dimensão mágica da obra ao sugerir que a literatura é, em si, um espaço de passagem, capaz de conduzir o leitor a

outras formas de perceber e interpretar a realidade. Tão importante quanto as capas são as ilustrações.

Nos primeiros livros, em que os animais falam e o fantástico se manifesta de maneira mais direta e acessível, as ilustrações dialogam com uma lógica mais simples e imediata, facilitando a identificação da criança com o universo narrativo. À medida que a escrita de Bojunga se torna mais complexa e simbólica, as capas também se transformam, passando a apresentar imagens mais enigmáticas e abertas à interpretação. Nessa etapa, a arte exposta não oferece sentidos prontos, mas propõe uma interação ativa, estimulando a imaginação e a autonomia do leitor infantil, sendo assim, as capas acompanham o amadurecimento estético



da autora e do leitor, funcionando como espaços visuais de experimentação que ampliam o caráter mágico da obra e fortalecem a leitura como experiência de criação e descoberta. Por esse motivo estarão presentes nessa pesquisa as ilustrações de algumas de suas obras, para melhor entendimento e interação com essa análise.

Como se percebe a obra de Lygia Bojunga é fonte de inúmeras abordagens e leituras sobre o processo de formação vivenciado por crianças e adolescentes. São muitos os trabalhos sobre a obra da escritora e, muitos deles, estudam a importância das narrativas no processo formativo, evidenciando o papel importante que ela tem no imaginário infantil. Sobre *A casa da madrinha*, citamos as seguintes palavras de Pires e Gomboeff:

A configuração ainda que simbólica de *A casa da madrinha* é fruto de um projeto que, além de discutir a representação da criança na família e na sociedade, perspectiva alguns ideais sociais. A casa representa um espaço mítico que faz a ponte entre fantasia e realidade, fato que situa o leitor em um contexto, ao mesmo tempo, real, histórico – devido à necessidade material – e mítico – por apontar para a resolução de todos os males e de todas as dificuldades. O ápice da obra encontra-se no delírio final que envolve o leitor, em seu apelo metafórico e simbólico, bem como no exagero sensorial da cena. Todavia, a autora parece não dar conta de uma carga extremamente complexa, ou ao menos não como em seu livro anterior. Diferentemente de Raquel em *A bolsa amarela*, personagem que cresce, Alexandre, apesar de aparentemente fortalecido, continua procurando a casa de sua madrinha sem resolver sua

questão material, ou resolvendo-a no plano da imaginação, enquanto Vera retorna ao lar sem indícios de transformação significativa. Essa dificuldade final revela tanto uma escritora sofisticada que sente os impasses no próprio material social que mobiliza e revela, quanto uma elaboração artística que contém uma ideia complexa de infância (Pires; Gomboeff, 2012, p. 295).

Com base na nossa análise e nas palavras acima citadas, é possível dizer que a obra de Bojunga nos instiga a questionar o tipo de formação que estamos oferecendo para os indivíduos com base em suas vivências e expõe a dura realidade do trabalho infantil de crianças marcadas pelo lugar onde vivem. A autora projeta ideias de superação que acontecem no mundo imaginário que podem ser levados para o mundo real, como vemos acontecer com Alexandre superando o seu medo.

A casa da madrinha é uma história linda, mágica em tantos momentos, carregada de emoções, sentimentos e desejos espalhados em cada um dos personagens. A autora nos leva ao imaginário para enfrentar as dificuldades dos personagens e, ao final, nos traz de volta à realidade como forma de superação, não de todos os conflitos internos, mas mostrando o amadurecimento.

Assim, é possível afirmar que o texto de Bojunga expressa não apenas beleza, mas reflexão, provocação, estranhamento, mudança de horizonte. Não é um texto dirigido apenas às crianças, mas também aos adultos; principalmente àqueles que não se esqueceram que dentro deles ainda vive um garotinho ou uma garotinha. É nesse extremo que se encontra, enfim, a maior característica da obra, e que influenciou em sua escolha: sua universalidade. Todos, de uma maneira ou de outra, almejam chegar a um lugar em que os sonhos mais íntimos se realizem. Chegar a uma casinha branca, em cima de um morro florido, de quatro janelinhas, que tem uma porta de um azul bem forte e com uma flor amarela no peito, que guarda uma chave... Uma chave, que quem a guardar no bolso jamais sentirá medo... (Guimarães, 2012, p.11-12).

A grandeza e a riqueza da obra de Lygia não se reduzem somente a obra *A casa da madrinha*, elas podem ser encontradas em outras obras da escritora nas quais ela explora outras temáticas para o processo de formação. É o que veremos, de forma rápida, a seguir.

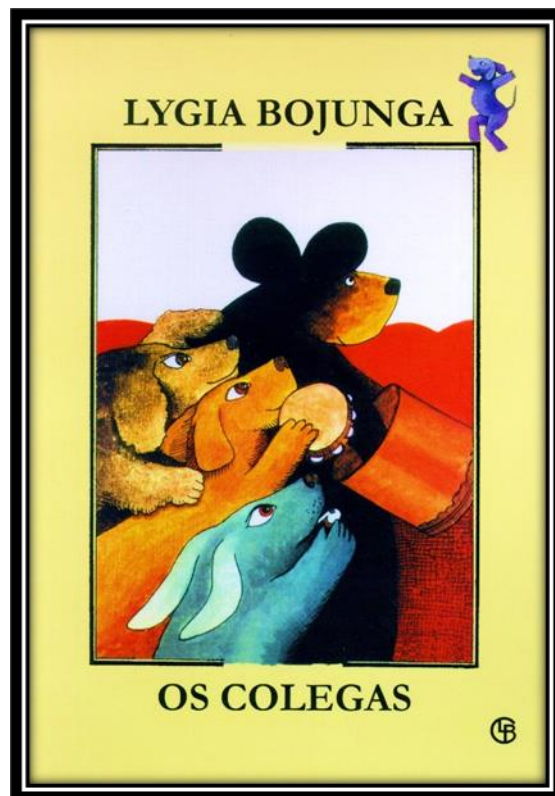
3.3 Obras e contribuições para a literatura brasileira

A obra *Os Colegas* (2004 a) é uma narrativa sensível e introspectiva que aborda temas como a amizade, a solidão e a busca por identidade, temas comuns na infância e na adolescência. A história é contada do ponto de vista de um narrador anônimo, uma criança que

se sente desconectada dos outros e busca entender suas relações e a vida de maneira mais profunda.

A trama gira em torno de um grupo de colegas composto pelos vira-latas Virinha e Latinha, a cadela Flor-de-lis, o urso Voz de Cristal e o coelho Cara-de-Pau, juntos eles enfrentam medos, alegrias e aventuras juntos, construindo um abrigo, compartilhando o amor pelo samba e, eventualmente, trabalhando em um circo.

Em determinada parte do livro, os colegas são separados, Virinha e Latinha são levados pela carrocinha, Voz de Cristal, de coração sempre mole demais e sensível ao ocorrido, numa tentativa de salvá-los disfarçado de mulher, é levado de volta para o circo onde costumava viver.



Cara-de-pau se vê outra vez sozinho e com medo de perder também Flor-de-lis. Os dois elaboram um plano em quatro partes para libertar os colegas, a estratégia envolve a antiga dona de Flor-de-lis que logo aparece para, sem saber do plano todo, ajudar os colegas a serem libertos. A história termina com todos indo trabalhar e morar no circo.

Um dos colegas, o Cara-de-Pau é visto como "estranho" pelo grupo por estar sempre de cara feia e nunca esboçar nenhum sorriso pela vida dura que teve, mas que se torna uma parte importante na reflexão do narrador sobre o que significa ser diferente, ser aceito e o que é uma verdadeira amizade. Embora o grupo enfrente desafios que colocam à prova a lealdade e o significado das suas conexões, o livro sugere que, muitas vezes, as amizades não são mais do que uma tentativa de preencher a solidão emocional daqueles que os abandonaram no passado, ou que os julgaram de forma errada.

É importante mencionar que a Bojunga demonstra conhecer tão bem o universo infantil, que o livro parece ter sido escrito por uma criança com muita imaginação, pois ao mesmo tempo em que os personagens são vistos como animais, eles também falam e são entendidos pelos humanos, ao mesmo tempo em que agem como animais, eles realizam atividades racionais como construir um barraco para eles viverem. O livro explora a amizade, a solidariedade e a alegria de viver através das experiências desses personagens.

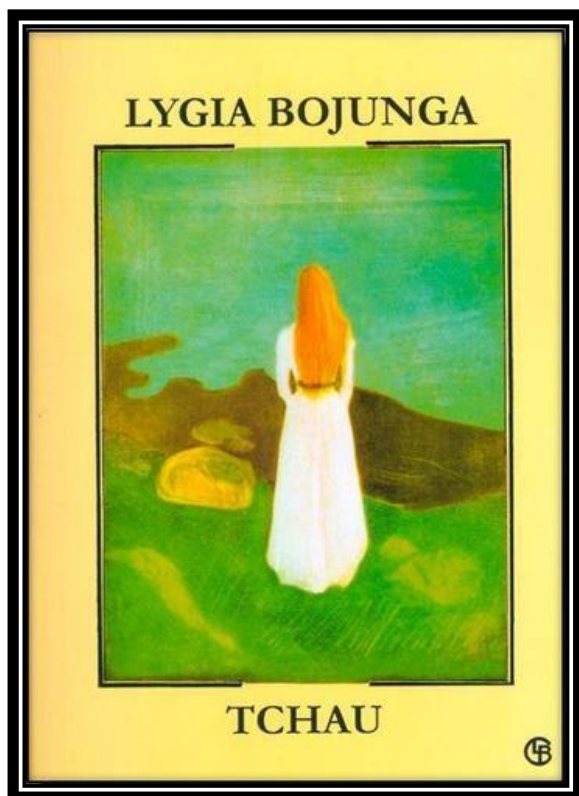
O livro *Angélica* (2006 a), escrito por Lygia Bojunga e publicado pela editora Agir e possui ilustrações de Vilma Pasqualini, conta a história inicialmente de um porco que sofria muito com bullying na escola e por onde quer que ele estivesse apenas por ser um porco, um dia ele se cansou e decidiu mudar a aparência e trocar de nome, trocou o "c" de seu nome por um "t" para tentar fugir do que era naturalmente e passou a se chamar Porto.

Já crescido, Porto conheceu uma cegonha chamada Angélica que cansou de viver uma mentira. Ela descobriu, bem jovem, que as cegonhas não são responsáveis por trazer bebês ao mundo e isso a abalou profundamente. Inconformada, quis saber dos pais por que é que eles mantinham essa ilusão. A família disse que não podia abrir mão do respeito e do *status* que essa história dava às cegonhas. Ela decidiu morar no Brasil, pois soube que no país não havia cegonhas. Mas logo descobre que o mito dos bebês existe mesmo tão longe de casa. Ela fez amizade com o Porto. Os dois contam as histórias de vida um do outro e juntos decidem montar uma peça de teatro com a história de Angélica.



Os atores contratados pela dupla são animais desempregados, como um elefante, um casal de crocodilos e um sapo com seus sete filhinhos. A narrativa é divertida e traz aspectos muito interessantes sobre autonomia, coragem, bullying e feminismo.

Um livro um pouco diferente é *Tchau* (2010 a) composto por quatro contos: “Tchau”, “O bife e a pipoca”, “A troca e a tarefa” e “Lá no mar”. No primeiro conto “Tchau”, duas crianças, Rebeca e Donatelo vivenciam a separação de seus pais. Na decisão da mãe de abandonar a família para viver uma grande paixão na Grécia com o novo namorado estrangeiro, transforma o olhar de Rebeca sobre a figura materna de admiração à tristeza pois o novo namorado não queria que ela levasse as crianças. Vendo a imagem de seu pai alcoolizado num botequim, desabafando sua angústia e totalmente Rebeca decide assumir uma postura de filha mais velha e madura, o ombro amigo e porto seguro do que restou de sua família.



No segundo conto “O bife e a pipoca”, Tuca, um garoto de comunidade, de origem pobre, ganha uma bolsa de estudo numa escola privada de classe alta, após ter obtido o melhor desempenho nos estudos em sua antiga escola. Tuca é responsável por manter o sustento da família, trabalhando como lavador de carros, e morando numa pequena casa com sua mãe alcoólatra e seus 10 irmãos. Ao iniciar na nova escola, Tuca faz amizade com Rodrigo, um garoto rico e apesar da realidade social discrepante entre eles a amizade prevalece.

No terceiro conto “A troca e a tarefa”, uma escritora relata o processo de escrita de seu último conto, compartilhando com o leitor os

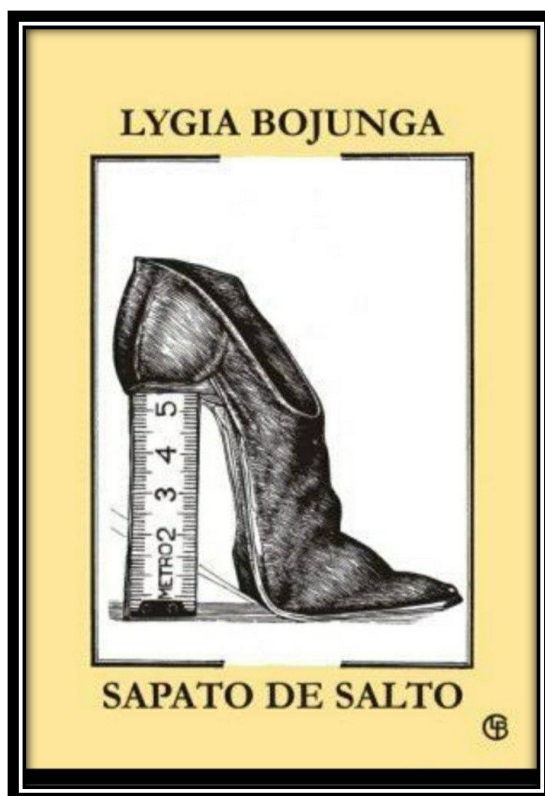
sentimentos durante a tarefa de criação da história, as pausas, retomadas, a sensação de liberdade quanto ao desfecho e da possibilidade de dar vida aos personagens e seus sentimentos por meio da escrita. Esse sem sombra de dúvidas é o conto mais sensível e comovente deste livro pois relata na versão mais recente publicada como nota de rodapé que a escritora faleceu fazendo aquilo que ela mais amava no mundo que era escrever histórias.

E no quarto e último “Lá no mar”, é retratada a amizade entre um homem pescador que não teve filhos e um barco velho. Ao longo da narrativa, o barco passa a representar o refúgio de um solitário Pescador mas que foi abandonado por ele ao morrer em uma tempestade. O barco demonstra um papel humanizado, após a perda do marinheiro, com sentimentos humanos como alegria, tristeza, saudade e medo, tornando-se cúmplice e amigo do Pescador. O barco ao final da história após anos ali à deriva se vê rendido por um garoto que estava velejando com o pai, logo se encantou com a melodia que o garoto cantava para o mar, e foi embora com seu novo dono.

O livro *Tchau* possui linguagem simples, bem diferente dos outros que a autora costumava escrever, e os temas abordados possibilitam a reflexão do leitor quanto às situações vivenciadas pelos personagens que são crianças desta vez. Elas lidam com questões familiares, sociais e de amizade, todos comoventes as formas diferentes de se dizer adeus para alguma coisa ou alguém.

Passando para um livro com temas mais complexos e profundos *Sapato de Salto* (2006 b) aborda a dura realidade de crianças e adolescentes que enfrentam problemas sociais como a violência e a exploração sexual infantil, focando nas histórias de Sabrina, uma menina de quase 11 anos, órfã que passa por exploração do trabalho infantil e abuso sexual. No início ela mora com o casal Gonçalves, eles têm dois filhos e lá ela é forçada a trabalhar em troca de abrigo e comida, não se passa muito tempo para Sabrina passar a sofrer abuso sexual pelo senhor Gonçalves.

Um dia, Sabrina é resgatada pela sua tia Inês, irmã de sua falecida mãe e tudo parece melhorar. Conhece sua avó materna também, que possui um distúrbio psicológico. Tia Inês ao ter a sobrinha com ela decide mudar de vida e isso significa recomeçar a vida do zero, é uma pessoa muito importante para Sabrina, ela é professora de dança e adora usar sapato de salto. Descobrimos que os saltos dos sapatos eram usados para a tia guardar o dinheiro que ganhava. A tia por sua vez, mais tarde, graças ao seu passado conturbado e de prostituição, é vitimada pelo antigo cafetão acaba aparecendo ameaçando leva-la embora. Ela se recusa e, em uma briga leva um tiro do homem e morre. Sabrina sem saber o que fazer e não querendo voltar para um orfanato, passa a se prostituir.



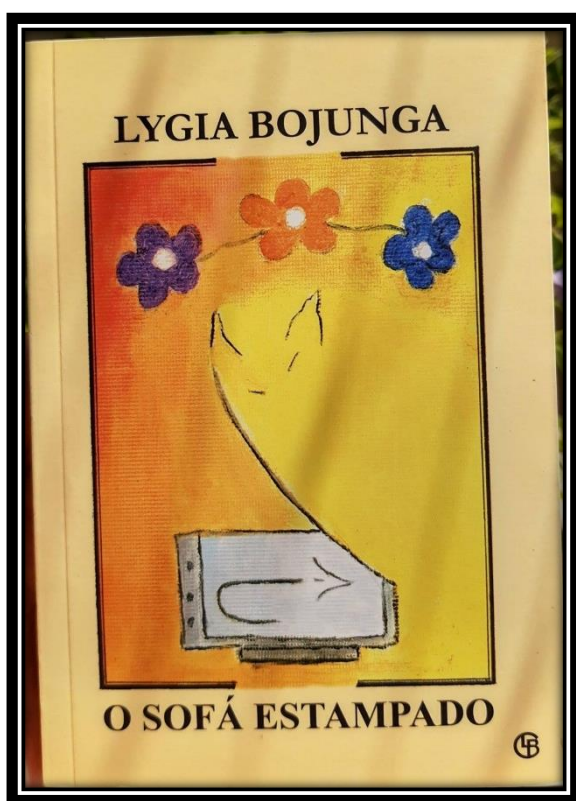
No meio disso tudo ainda temos Andrea Doria, um adolescente de 13 anos, sua mãe Paloma, seu tio Leonardo e o pai machista. O menino está descobrindo sexualmente, sofrendo também maus tratos pelo pai e tinha em seu tio a presença paterna que tanto precisava. Andrea Doria é apaixonado por dança e decide que quer ter aulas com Inês, que é dançarina. Inicialmente ela não aceita mas o garoto acaba convencendo-a em uma visita à casa dela.

Outro personagem importante é Paloma, mãe de Andrea, que era vítima de um relacionamento abusivo, não encontrando forças para sair dele. Ela estava grávida de uma menina, depois de 13 anos tentando o segundo filho. Em meio a maus tratos, ela encontra em seu irmão, Leonardo, o apoio e a força que precisa para sair de sua situação. Tendo um casamento muito conturbado por ter passado a ser uma esposa submissa e de luto por seu bebê ela conhece Sabrina, sua história de como toda a vizinhança lidava com a menina, colocando

como sempre a culpa na vítima, esquecendo que era uma criança que muitas vezes ignoramos, Paloma decide acolher a garota e a avó, se separa do marido infeliz e volta a ter o controle de sua própria vida.

A narrativa entrelaça essas vidas mostrando como ambas as jornadas se conectam, resultando em uma história que discute temas como violência, sexualidade e a busca por um lugar na família e na sociedade. Mostrando que a vida as vezes pode ser visceral, mas que de alguma forma ainda podemos encontrar forças para continuar *Sapato de salto* é um livro doloroso, porém essencial, pois aborda o machismo em todas as suas formas: “abuso sexual infantil, prostituição adulta e infantil, homofobia, relacionamento abusivo hétero e homossexual, etc.”

O livro *O sofá estampado* (2004 b) conta a história de Vitor, um tatu muito quieto de fala baixíssima que sempre cavava buracos para poder esconder sua tosse nervosa de ansiedade. Ele era apaixonado por uma gata chamada Dalva, que para ganhar um concurso de quem assiste mais televisão, passa todos seus dias sentada no sofá estampando em frente à televisão.



Vitor, para conseguir chamar sua atenção, resolve aceitar o convite da Dona Popô, uma hipopótamo produtora de TV, e começa a fazer vários comerciais, o que faz a tosse só piorar com o passar do tempo, até que toma coragem e pede a Dalva em namoro. Ela aceita, porém, Vitor quer se casar com a amada, por isso também resolve pedi-la em casamento. No entanto, Dalva nunca dá atenção a nada, Vitor manda cartas e mais cartas das quais ela leu apenas as duas primeiras por terem imagens nelas. Mas tudo o que interessa a ela é ficar vendo televisão e atendendo o telefone para informar o que ela está assistindo e assim ganhar o concurso de quem mais assiste televisão. Vitor

sempre que fica muito nervoso começa a cavar desesperadamente, e com a falta de atenção de Dalva, ele começa a cavar também o sofá estampado, até que ele acaba voltando ao passado.

Nesse retorno, conhecemos alguns traços de sua personalidade e também temos a apresentação da sua avó, uma senhora que vive viajando o mundo e a quem Vitor se apega muito, porque ele adora passar horas conversando com ela, ouvindo suas histórias de viagens.

O sofá estampado é um livro que usa de recursos comuns e muita simbologia para contar a história.

O tempo se divide em alguns momentos entre passado e presente, é uma narrativa bem rápida, que mostra o tatu Vitor descobrindo suas fragilidades e traços de seu caráter, nos fazendo pensar em como nós sempre estamos buscando nosso lugar no mundo e como nós lidamos com as perdas seja de pessoas que amamos ou de objetos e rejeições.

Em *O abraço* (2010 b), narrada pela personagem Cristina inicia em uma festa, ela conta que, quando era criança, sua amiga Clarice desapareceu, e depois Cristina revela ao leitor ter sofrido uma violência sexual. Mais tarde, Cristina acredita ter reencontrado Clarice e até o seu agressor, o “Homem da Água”. Ao longo da história vemos a Cristina-menina refletida na Cristina-mulher, lidando com as complexas emoções relacionadas à violência, como o trauma, o perdão e a incapacidade de superar o sofrimento.

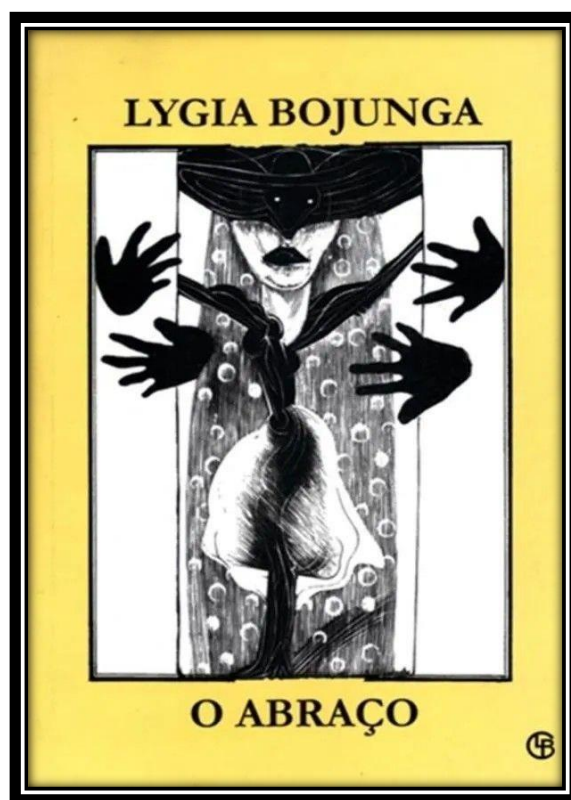
O livro explora temas pesados em detalhes, como violência sexual e morte, e a forma como a protagonista se vê aprisionada pela dor e pela culpa de não conseguir perdoar completamente o agressor. A narrativa de Lygia é a denúncia de um crime que não tem perdão. Do primeiro ao último momento, esse abraço emociona e intriga.

A narrativa utiliza simbologia e metáforas poderosas, incluindo a presença de uma mulher mascarada misteriosa, que pode ser interpretada como a personificação da Morte e da Justiça. Ela tenta, sem sucesso, ajudar Cristina a entender o peso da situação e a necessidade de se libertar do sofrimento, mas Cristina, imersa em seu próprio desespero, não consegue se reconciliar com seu passado.

A trama leva Cristina a um destino trágico, representando o abraço que não tem perdão, um abraço de dor e decepção, que a impede de seguir em frente. A mulher mascarada, como um símbolo de justiça, também tenta alertá-la sobre o perigo de sua

recusa em deixar o passado para trás, mas o peso de suas emoções a leva a um fim fatal.

Com essa obra, Bojunga não apenas aborda as complexidades emocionais de um trauma, mas também faz uma reflexão profunda sobre a violência, a dificuldade de lidar com a



dor, e a importância do perdão e principalmente do diálogo como formas de superação. A obra também transmite a força da literatura como um meio de refletir sobre adversidades e os desafios que os indivíduos enfrentam em suas vidas.

Obras como *O abraço* possibilitam que jovens leitores reconheçam sentimentos complexos como medo, culpa, tristeza, raiva e confusão, que muitas vezes não conseguem nomear ou expressar no cotidiano. Ao entrar em contato com uma narrativa que não silencia a dor, o leitor compreende que o sofrimento existe, que não está sozinho e que suas emoções são legítimas.

Além disso, ao tratar da violência sexual e de seus impactos psicológicos, a obra contribui para a conscientização e para a quebra do silêncio em torno de um tema frequentemente escondido. Para crianças e adolescentes, esse tipo de leitura pode funcionar como um alerta, um instrumento de prevenção e, em alguns casos, até como um incentivo para buscar ajuda e dialogar com adultos de confiança. A literatura, nesse sentido, assume um papel social e educativo fundamental.

Outro ponto relevante é a valorização do diálogo como forma de enfrentamento da dor. Ao mostrar as consequências trágicas do aprisionamento emocional e da incapacidade de compartilhar o sofrimento pelo qual a personagem passa, a narrativa evidencia a importância de falar sobre traumas e de contar com apoio. Assim, Bojunga mostra que calar pode ser devastador, enquanto o diálogo pode representar um caminho de cuidado e resistência e superação.

3.4 E para finalizar, um pouco mais sobre a escrita de Lygia Bojunga

Para finalizar esta pesquisa, serão abordados temas muito comuns na obra de Bojunga como a identidade da criança, como a morte e como a sociedade nos influencia e nos moldam, temas estes que ela explora e são de grande importância para a questão do processo de formação da criança e do adolescente.

Para iniciarmos essa abordagem sobre como a questão da identidade acontece nas obras de Bojunga, para isso, traremos o conceito de Stuart Hall sobre identidade. Segundo ele a identidade não é fixa nem essencial, mas um processo em constante transformação, construído a partir das relações sociais, culturais e das representações que circulam na sociedade. Assim, o sujeito pós-moderno assume identidades múltiplas e mutáveis, influenciadas pelo contexto histórico e cultural. (Hall, 2006).

Ela pode ser entendida de várias maneiras, dependendo da perspectiva filosófica, psicológica, sociológica, cultural ou até política. Não é algo permanente, mas sim algo que é continuamente moldado pela sociedade na qual o indivíduo está inserido. Ela é construída através das interações com os outros e envolve a aceitação de certos papéis e categorias sociais. A seguir, serão exemplificados alguns contextos em que o tema é explorado pela autora.

Em *O sofá estampado*, por exemplo, é sempre alguém do convívio de Vitor que diz como ele deve se comportar, o que deve dizer, com o que ele deve trabalhar futuramente, nunca respeitando o espaço do personagem e muito menos as vontades que ele tem como conhecer o mar, o que resulta nas crises incessantes de tosse e fuga, causadas pelo nervosismo de tudo aquilo que esperam que ele seja. É como se o que a criança deseja fosse insignificante, como não reconheçêssemos ela pelo que é, mas sim pelo vir a ser.

Em *Angélica*, os personagens enfrentam desafios difíceis de serem superados, vemos uma cegonha que nasce em um contexto de uma mentira existente há muito tempo, a de que as cegonhas trazem os bebês para os pais. No início, ela é forçada a mentir para a sociedade em que vive, mas sempre questionando o porquê não contam a verdade, pois é mais fácil dizer/viver com a verdade. Outro personagem, que sofre muito bullying na escola por seus colegas de turma por simplesmente ser quem é, é o porco que mudou o próprio nome para Porto, a aparência e vestimenta para se encaixar e ser aceito no ambiente no qual vivia.

No livro *Tchau*, de transição da autora, vemos uma atmosfera diferente com mais simbolismo como o uso de portas e janelas, em que a porta simboliza algo mais fechado, restritivo, enquanto a janela tem uma conotação de abertura, de possibilidade de olhar para o exterior e de alcançar novos espaços. A janela é vista como uma passagem para o mundo exterior, proporcionando uma visão mais ampla (Silva, 2008).

Assim como vemos em *A Casa da Madrinha*, a janela oferece a possibilidade de ver o mundo fora de casa, um símbolo de liberdade ou de desejo de escapar. Em “A Troca e a Tarefa”, as janelas aparecem como elementos que conectam os personagens aos seus sonhos e ao mundo externo. Em “Tchau”, uma janela é associada à transição de sentimentos e sonhos. Quando os personagens descobrem algo importante sobre si mesmos, as janelas simbolizam o local onde esses sentimentos podem ser observados, refletidos ou superados. A troca e a tarefa de lidar com esses sentimentos são reveladas pelas janelas (Silva, 2008).

Outra questão simbólica interessante na obra de Lygia é a imagem do mar. As obras da autora têm duas fases, simbolizadas pelas imagens do mar. A primeira fase é caracterizada por imagens construtivas, como o nascimento e a vida, e tem uma conotação positiva, associada ao amor e à esperança. Já a segunda fase, mais sombria, é relacionada à morte e ao sofrimento,

e tem um tom mais negativo, focando nos aspectos destrutivos e regressivos da vida (Silva, 2008). Ambas as fases representam aspectos opostos da vida, mas que se complementam, expressando uma visão global da existência humana.

Nas obras de Lygia Bojunga, a morte costuma aparecer menos como um fim definitivo e mais como um rito de iniciação, um atravessamento doloroso, mas necessário, rumo ao autoconhecimento e à maturidade. A protagonista de *Sapato de salto* é empurrada precocemente para o mundo adulto por meio da exploração e da violência. O “rito de iniciação” aqui não é escolhido nem compreendido, ele é imposto por conta da situação em que Sabrina se encontrava. A morte aqui, ocorre como morte do corpo infantil enquanto espaço de proteção e também como morte da palavra: a menina aprende cedo que falar dói. Cada experiência traumática vivida por ela, exclui uma camada da infância, num processo em que sobreviver significa aceitar pequenas mortes sucessivas.

Em *O Abraço* há uma ruptura da infância com a morte da amiga de Cristina chamada Clarice, se manifestando de modo mais psicológico e perturbador. A personagem precisa reviver simbolicamente a morte da confiança, da segurança, do corpo inviolável, para poder nomear o que lhe aconteceu. Morrer, nesse livro, significa encarar aquilo que foi enterrado, de certa forma, viver os lutos que temos ao longo da vida. Só ao atravessar essa morte psíquica a personagem pode recuperar alguma forma de identidade.

Em *O Sofá Estampado*, a morte assume um caráter mais existencial e simbólico. O sofá funciona como um espaço de suspensão pois ali o personagem mergulha em suas angústias, dúvidas e bloqueios emocionais. É um lugar entre a vida ativa e a paralisia, quase um limbo de iniciação. A morte, nesse contexto, não é um evento, mas um estado: a sensação de estar vivo sem conseguir existir plenamente. Para se iniciar, o personagem precisa aceitar a morte de uma identidade estagnada, dependente do olhar alheio e incapaz de agir. A travessia consiste em abandonar a imobilidade, o conforto paralisante do sofá ao qual ele se apegou tanto, e se lançar ao risco da escolha.

Aqui, Bojunga sugere que crescer implica em matar as versões acomodadas de si mesmo. Diferentemente dos outros livros, essa morte carrega uma possibilidade maior de reconstrução ainda que venha ser dolorosa e incerta. Nos três livros, a autora desmancha a noção clássica de um rito de passagem. Em vez de celebração, temos ruptura; em vez de guia, abandono; em vez de renascimento luminoso, temos uma sobrevivência marcada por cicatrizes.

Outro ponto a ser destacados nos livros de Lygia Bojunga é a amizade, que não aparece como simples afeto lateral ou como mero apoio emocional entre personagens. Ela constitui uma

experiência formadora, profundamente ligada à pedagogia, isto é, a um modo de aprender que passa pelo vínculo, pela escuta e pelo reconhecimento do outro como sujeito.

Do ponto de vista pedagógico, a amizade funciona como um território de aprendizagem ética e social. As relações de amizade permitem que a criança ou o jovem se descubra no encontro com o diferente, experimente o conflito, teste a confiança e exercite a empatia. Não se trata de uma amizade idealizada, ela é atravessada por silêncios, desencontros e incompreensões.

Em obras como *O Sofá Estampado*, *Sapato de Salto*, *Os colegas* e *Angélica*, o amigo não ensina por meio de lições explícitas, mas pela presença significativa. Essa presença legitima a dúvida, acolhe o sofrimento e rompe o isolamento que frequentemente marca a infância e a adolescência nos livros de Bojunga.

Um aspecto central é que a amizade bojungiiana se opõe ao silenciamento imposto pelo mundo adulto. A escola, a família e a sociedade aparecem em suas obras, muitas vezes como espaços normativos, que exigem adaptação e obediência, mas não necessariamente escuta. A amizade, ao contrário, cria um espaço em que a palavra pode circular livremente, sem o teor de julgamento.

A criança leitora aprende que sentir é legítimo e que compartilhar sentimentos é parte do processo do crescimento. A amizade torna-se um mediador simbólico entre o eu e o mundo, ajudando o sujeito a nomear o que sente. Para a pedagogia, as obras de Lygia Bojunga sugere que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para o encontro. Seus livros ensinam que a aprendizagem se aprofunda quando há vínculo, confiança e reconhecimento mútuo. Assim ela humaniza, socializa e educa, é pelo encontro com o amigo que os personagens aprendem a existir com o outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, buscamos compreender a importância da literatura no processo de formação da criança, entendendo-a como um direito humano e como uma ferramenta fundamental para a humanização, conforme defende Antônio Candido. A literatura infantil, nesse sentido, mostra-se essencial para o desenvolvimento emocional, ético, social e imaginativo da criança, contribuindo para a construção de sua identidade e para a ampliação de sua visão de mundo desde a infância.

Os referenciais teóricos mobilizados, especialmente Arroyo, Ana Maria Machado e Vera Maria Tietzmann Silva, evidenciaram que a literatura infantil não deve ser reduzida a um

instrumento meramente didático ou moralizante. Pelo contrário, ela se constitui como uma experiência estética significativa, capaz de respeitar a criança como sujeito de direitos e leitora ativa, proporcionando prazer, reflexão e desenvolvimento crítico.

A análise da obra *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga, permitiu identificar como a literatura infanto-juvenil pode abordar temas complexos, como desigualdade social, pertencimento, identidade e amadurecimento, por meio de uma narrativa sensível, simbólica e profundamente ligada ao imaginário infantil. A obra reafirma o potencial da literatura como espaço de elaboração da realidade, possibilitando à criança compreender e ressignificar suas vivências. Percebe-se que esta obra, juntamente com outras obras citadas neste trabalho, através do vivenciar, e por meio da narrativa ajuda a construir quem somos desde a infância.

Do ponto de vista autobiográfico, este trabalho dialoga diretamente com minha trajetória no curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue e com as experiências vivenciadas durante o estágio na Educação Infantil. A ausência de práticas literárias observada nesse contexto despertou inquietações e questionamentos que deram origem a esta pesquisa, reforçando minha compreensão de que a literatura precisa ocupar um lugar central na rotina das crianças. Essa vivência contribuiu não apenas para minha formação acadêmica, mas também para minha constituição enquanto futura professora comprometida com uma educação sensível, crítica e humanizadora.

Dessa forma, conclui-se que valorizar a literatura na infância é investir na formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e críticos. Espera-se que este trabalho contribua para reflexões sobre a prática pedagógica na Educação Infantil, incentivando professores e instituições a reconhecerem a leitura literária como um direito e como um elemento essencial no processo de formação integral da criança.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. “INTRODUÇÃO. In _____. *Literatura Infantil Brasileira*, São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1990.
- BOJUNGA, Lygia. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2012.
- BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2010 a.
- BOJUNGA, Lygia. *O abraço*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2010 b.
- BOJUNGA, Lygia. *Angélica*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2006 a.
- BOJUNGA, Lygia. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2006 b.
- BOJUNGA, Lygia. *Os colegas*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2004 a.
- BOJUNGA, Lygia. *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Lygia Bojunga, 2004 b.
- BORGES, Kelio Junior Santana. “A leitura de mundos possíveis: o expediente sobrenatural em Lygia Bojunga”. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico (Org.). *Literatura Infantil e Juvenil: desvios criativos, diversidade e emancipação em processo*. Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 73-90.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.
- CANDIDO, Antônio. “O direito à literatura”. In: LIMA, Aldo de Lima... [et al.] – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- GUIMARÃES, Ana Rosa G. de Paula; BOSCO, Jacqueline Cintra Gonçalves; SILVA NETO Joaquim Rodrigues da. “Era uma vez” um menino, um pavão e... a casa da madrinha, de Lygia Bojunga. *Revista Eletrônica de Letras* (jan-dez), 5.ed., v. 5, n. 1 (2012), p.1-47.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil: 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br>
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Era uma vez um tirano*. Editora salamandra, 2003. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/era-uma-vez-um-tirano-de-ana-maria-machado-pdf-free.html>.

PIRES, Carlos; GOMBOEFF, Ana Lúcia Madsen. *Infância e Sociedade em A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes. Veras - revista acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz, v.2, n.2 (2012), p. 293-295.

SILVA, Vera Maria T. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cênone Editorial, 2008.